

Hastamalaka Stotram

Śri Hastamalakācārya

Comentário de Swāmi Dayānanda





Śrī Hastāmalakīyam

comentado por Swāmi Dayānanda

© Copyright dos comentários: Swāmi Dayānanda

© Copyfree da tradução: Pedro Kupfer

1ª edição: janeiro de 2013

2ª edição: março de 2018

3ª edição: agosto de 2022

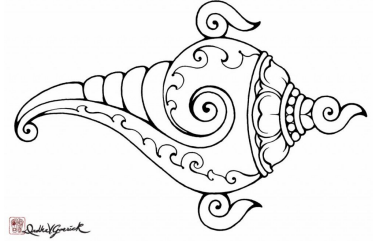
4ª edição: março de 2024

yoga@yoga.pro.br

www.yoga.pro.br



Esta tradução é dedicada àqueles que nos honram com a sua confiança. Agradecimentos especiais a Śrī Swāmi Dayānanda e a Śrī Swāmi Tattvavidānanada pelos ensinamentos, a inspiração e a generosidade. Este texto foi elaborado ao longo de um retiro que fizemos em Fevereiro de 2007 com Swāmi Dayānanda em Rishikesh, norte da Índia. Permitem-se citações, desde que mencionem a fonte e o autor dos comentários, Swāmi Dayānanda. Om.



Śrī Hastāmalakīyam Stotram

de Śrī Hastāmalakācārya

Tradução comentada, baseada nos
ensinamentos de Swāmi Dayānanda
compilados e traduzidos por Pedro Kupfer

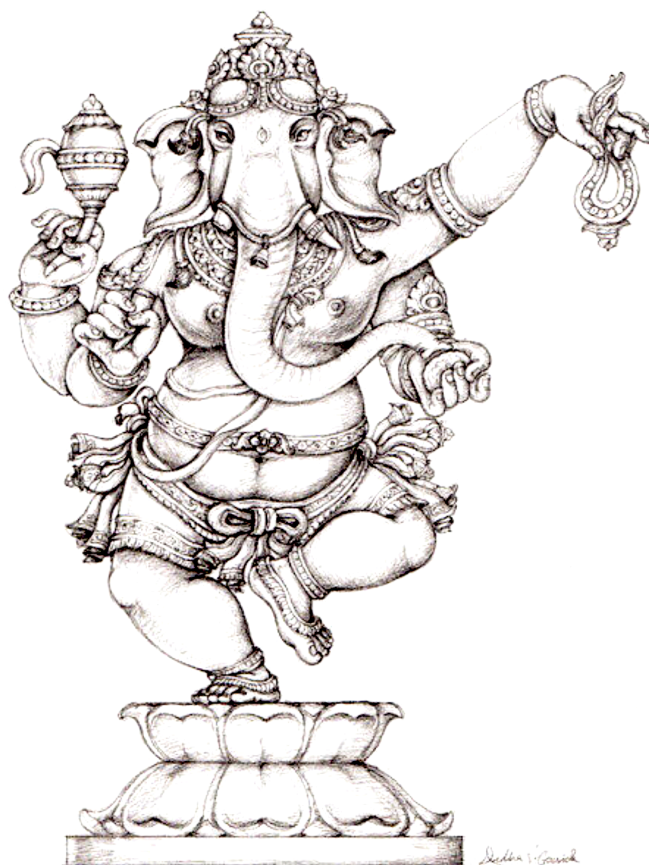


❧ श्री: ❧

Índice

Introdução	7
Śrī Hastāmalakīyam Stotram.....	14
Comentário do Hastāmalakīyam	17
Śloka 1	17
Śloka 2.....	19
Śloka 3.....	20
Śloka 4.....	23
Śloka 5.....	25
Śloka 6.....	27
Śloka 7.....	28
Śloka 8.....	31
Śloka 9.....	32
Śloka 10.....	33
Śloka 11	35
Śloka 12.....	38
Śloka 13.....	41
Śloka 14.....	42
O Stotram, para recitar e meditar	44
Significado das Palavras do Stotram	47
Tradução do Stotram	51
Sobre o Sânscrito	53
Bibliografia de Estudo.....	58

❧ श्री: ❧



Introdução

O *Hastāmalakīyam*, também conhecido como *Hastāmalaka Stotram*, é um texto que fala sobre autoconhecimento. Cada texto de Vedānta tem seu próprio sabor, sua própria abordagem. Cada um ressalta algum aspecto de Brahnavidyā, o conhecimento sobre si mesmo, já que ele tem aspectos diferentes e únicos.

Existem várias versões diferentes do *Hastāmalakīyam*. Algumas têm doze versos, outras, treze ou catorze. Esta que aqui apresentamos tem catorze. Algumas versões não incluem os primeiros versos. Não obstante, eles são importantes para a correta contextualização do ensinamento.

Quando os agricultores vão colher o algodão, deixam a planta secar e o fruto abrir. Aí, o algodão sai da casca e está preparado para a colheita. Hoje em dia usam-se colheitadeiras, pois a colheita manual era muito trabalhosa. Uma vez que o algodão é separado da planta, tem-se uma massa, limpa de partículas e impurezas. Quando as fibras estão separadas, o algodão é fofo.

Similarmente a essa tarefa de preparar o algodão, o trabalho do professor de Vedānta é separar as fibras do autoconhecimento no contexto no qual este é abordado, e explaná-las exhaustivamente, o que equivale a fiar o algodão.

“Fiar algodão”, então, é a arte do Vedānta. No autoconhecimento não existem assuntos principais e outros subsidiários. O tema é único, e os diferentes *assuntos* são abordagens ou maneiras de se chegar nele.

Alguns textos têm uma maneira peculiar de expor o conhecimento. Quando você pega um texto que lhe dá a oportunidade de olhar de maneira um pouco mais elaborada, e assumindo que haja previamente uma preparação da parte do estudante, esse processo que é o autoconhecimento pode progredir bastante. Tal é o caso do presente texto.

O que é Vedānta?

Vedānta é a visão que ensina que **a felicidade não é um objeto, nem um atributo de um objeto. Você pode ser feliz em qualquer lugar.** Você pode ser infeliz em qualquer lugar.

A felicidade, portanto, o depende de estar ou não num dado lugar. A mente não é felicidade. Não há um lugar chamado felicidade. Não obstante, **há algo que é felicidade sim: você mesmo.**

O Vedānta diz que você é felicidade. Você precisa aprender como conhecer essa felicidade. Precisa conhecer a si mesmo. Sujeito e objeto, o mundo das dualidades, não perturbam sua felicidade quando você conhece a si mesmo.

Assim, aquilo que responde pelo nome de Vedānta é uma visão, e também a tradição que explica essa visão. A visão é que tudo o que está aqui é Īśvara. Īśvara significa tudo o que está aqui.

Tudo o que está aqui é Īśvara. Portanto, a causa é Īśvara, o efeito é Īśvara. A causa e o efeito não são separados. Portanto, há muitas coisas que afetam você, como o fato de viver neste corpo, o meio-ambiente, as causas e efeitos, os resultados. Todos esses fatores, se Īśvara.

Todos os recursos do corpomente são inteligentemente arranjados, combinados. Todos esses efeitos que constituem o corpomente, células, moléculas, átomos, são Īśvara. Se há algo que não esteja posto inteligentemente, também é Īśvara.

Se você olhar para si mesmo, verificará que há partes de si que são arranjadas harmoniosamente. Elas são Īśvara. Mas, se houver algo que não seja harmoniosamente arranjado, será também Īśvara. Não há nada que esteja separado. Tudo é Īśvara.

Você vê coisas, fenômenos, ações e resultados. Mas você não sabe que está vendo Īśvara. Um mosquito mordendo você é Īśvara mordendo Īśvara. É evidente que isto é uma visão. A tradição que explica essa visão vem junto com ela. Não há separação.

Os livros não explicam a visão. Quem explica é o Ser. E esse Ser, é o sujeito e o objeto de conhecimento ao mesmo tempo. O assunto do Vedānta é a vida. Estamos falando sobre uma visão da vida. Somente um ser humano pode ter essa visão.

Todo humano aspira por esta visão, independentemente daquilo que cada um buscar, do lugar onde está buscando ou dos meios pelos quais procura ter essa visão.

As palavras que estão nos livros, nas Upaniṣads e as demais escrituras, faziam parte, anteriormente, da tradição oral, transmitida de boca a ouvido ao longo do tempo.

Essa tradição, na hora em que o alfabeto *brahmī* e, posteriormente, o *devanāgarī* foram criados, passou a ser registrada nesses alfabetos. Mas os livros são apenas o registro das palavras que explicam a visão.

A visão do Vedānta é tão antiga quanto o homem. Ela foi preservada aqui na Índia desde os tempos mais remotos. O Vedānta, então, sempre foi transmitido oralmente. O professor dava uma frase ou um verso, e depois explicava. O estudante ouvia e aprendia. Assim, dava-se, e ainda se dá, a transmissão da visão.

As palavras sem a visão são somente palavras. É a visão que flui de pessoa para pessoa. Chamamos isso de *paramparā*. Não é o fluxo das palavras, mas o fluxo da visão.

Se não fosse assim, bastaria com escrever a visão numa folha de palmeira ou num papel e entregar para o outro.

Essa transmissão não tem nada a ver com língua, gramática, etc. Esses são apenas recursos, ferramentas para desenvolver a visão. Na tradição, quando você se encontra com um mestre, ele habitualmente lhe pergunta quem é seu mestre, a que tradição ou linhagem (*saṁpradāya*) ele pertence.

Daí surge o conhecimento da linha tradicional e das maneiras e eventuais sutis diferenças de interpretação de cada mestre. E assim, o professor tem uma idéia da visão do outro.

A transmissão da visão

A visão e a tradição de ensinamento é algo vivo. Não é uma gravação ou um registro escrito. A visão e a tradição não são as notas feitas pelo estudante atento, nem o registro. Se olharmos para as palavras como algo vivo, que está acontecendo na transmissão, veremos essa diferença.

Se eu não compreender, o livro não vai me esclarecer, pois ele não fala. Mas o professor sim, pode me responder as dúvidas e perguntas, transmitindo e esclarecendo essa visão. Se eu tiver a visão, eu compreendo. Se eu não tiver a visão, a compreensão não é possível. Isso é o *paramparā*.

O caratê e as demais artes marciais nasceram na Índia, da arte chamada *kalaripayatu*. Pesquisadores descobriram, na Coréia do Sul, alguns manuscritos que declaram isso. O *kalaripayatu* trabalha sobre os *marmas*, que são os pontos ao longo dos meridianos pelos quais a energia circula. Esta é uma tradição que se preserva no sul do país, no estado de Kerala.

Similarmente, a visão do Vedānta se preserva através do tempo nessa transmissão, nessa tradição de ensino. Portanto, quando dizemos que estamos nos reunindo para um retiro como este, as pessoas vêm com diferentes expectativas e ideias sobre o que irão encontrar, sem saber ao certo o que irá acontecer.

Mas eu considero esta visão e a tradição que a transmite, como sendo a essência do Vedānta. Sem ela, não há Vedānta. Este encontro então é o fluxo dessa tradição de ensino, acontecendo agora.

Tivemos na tradição grandes mestres. A tradição continua viva. Não teve mudanças, nem melhorias, por conta da natureza do tema. Quando falamos de física não podemos usar a palavra tradição, pois a física não é uma ciência acabada: ela está sempre em processo de gestação, tentando explicar a natureza e mudando as formas de descrever o universo e seus porquês.

Na música, também temos uma tradição. A ciência pode sempre mudar. As teorias tornam-se obsoletas conforme surgem outras que substituem ao explicar melhor os mesmos fenômenos.

Na música indiana, cada *gharaṇa*, cada escola, tem sua tradição de ensino, mas elas tampouco são fixas. Algumas *gharaṇas* podem mudar de geração para geração, conforme a época e os músicos que as transmitem. Alguma surgem, outras morrem. O mesmo vale para a dança clássica. Esses estilos, *bhāratānāṭyam*, *kucipudī*, *mohinī*, podem sofrer alguma melhoria.

Mestres e linhagens

Contudo, a visão do Vedānta não muda, não pode sofrer nenhuma melhoria nem mudança. É sempre igualmente, pois o tema e o modo de transmiti-lo são os mesmos há milênios, desde que o homem é homem. Sendo a natureza desta visão como ela é, a realidade, os meios e fins, sendo como eles são, não admitem nenhuma mudança. Vou explicar isso mais tarde.

As palavras são o meio, o *pramāṇa*. Se o som é o meio de transmissão, então, as palavras do professor são esse meio. O professor não é o meio. Suas palavras sim. Mas quem é esse professor, esse guru? Aquele que maneja o *pramāṇa* é o guru.

E o que é o *pramāṇa*? O *pramāṇa* são os Vedas, as Upaniṣads, que fazem parte dos Vedas. O assunto que está no final dos Vedas é o meio de conhecimento. É por isso que ele se chama Vedānta, ou aquilo que se encontra no fim dos Vedas.

Hoje em dia temos gurus de marketing, culinária, dança, etc. Há até gurus de cosmetologia. Precisamos definir essa palavra, guru. O guru é aquele que maneja habilmente, adequadamente, as palavras do *pramāṇa*. Aquele que as mantém vivas e, portanto, pode transmiti-las.

O modo de transmissão desse conhecimento é chamado *sampradaya*. Há dois prefixos nesta palavra: *sam* e *pra*. O termo *daya* também está presente. *Daya* significa compaixão, empatia. Sabe qual é o significado desses dois prefixos juntos?: “Aquele que recebe enquanto dá”. Isso significa que a transmissão da visão é um caminho de duas mãos. Nesta tradição, Ādi Śaṅkarācārya é o elo. Um elo brilhante, aliás.

Sobre o *Guru Vandanam*

ॐ सदाशिवसमारम्भां शङ्कराचार्यमध्यमाम् ।
अस्मदाचार्यपर्यन्तां वन्दे गुरुपरम्पराम् ॥ १ ॥
श्रुतिस्मृतिपुराणानाम् आलयङ्करुणालयम् ।
नमामि भगवत्पादं शङ्करं लोकशङ्करम् ॥ २ ॥
शङ्करं शङ्कराचार्यं केशवं बादरायणम् ।
सूत्रभाष्यकृतौ वन्दे भगवन्तौ पुनः पुनः ॥ ३ ॥

om sadaśiva samarambham śaṅkarācārya madhyaman |
asmadācārya paryantām vande guruparamparām || 1 ||
śruti smṛiti purāṇanam alayam karuṇalayam |
namami bhagavatpāda śaṅkaram loka śaṅkaram || 2 ||
śaṅkaram śaṅkarācāryam keśavam badarayanam |
sūtrabhāṣyakṛtau vande bhagavantau punaḥ punaḥ || 3 ||

A primeira estrofe deste mantra invocatório, que tradicionalmente fazemos antes de iniciar o estudo, diz assim em sânscrito: “Saúdo o *paramparā*, a tradição de transmissão de conhecimento que, iniciando com o auspicioso Śiva, tem Ādi Śaṅkarācārya como elo medial e se estende até meu professor”.

O ensinamento é Īśvara. As palavras que o transmitem, também são Īśvara. Ādi Śaṅkarācārya é o elo que nos permite essa conexão com Īśvara. Esse é o *paramparā*. Ādi Śaṅkarācārya está no meio. Ele foi o mestre que deixou o registro, para que esta tradição pudesse ser mantida. Foi aquele que deu ao ensinamento sua forma final e graças a quem a visão é mantida viva.

A segunda estrofe diz: “Saúdo Śaṅkarācārya, que é a fonte de *mokṣa*, aquele que dissipa, através do autoconhecimento, todas as formas da ignorância. *Karuṇalayam* é a casa da compaixão. Ele é o repositório, o altar do Śruti, do conhecimento”.

Desde que as Purāṇas e outros textos do Smṛti (“memória”, aquilo que é lembrado), da tradição posterior, não contradigam a visão dos Vedas, são aceitos dentro do *sanātana dharma*, do *dharma* eterno. A *Bhagavadgītā* é Smṛti, o *Mahabhārata* é Smṛti, o *Rāmāyaṇa* é um épico, um Itihāsa, que faz parte do Smṛti também. Todos esses textos têm muita credibilidade, pois nos ajudam a compreender o que seja o *dharma*. Se você pegar, por exemplo, a *Bhagavadgītā*, verá que o conhecimento nela contido é tão válido e valioso quanto o dos Vedas. O néctar do conhecimento é chamado *gītāmṛtam*, a essência da *Gītā*. A pessoa de discernimento pode desfrutar desse néctar.

A vaca não iria com Vasiṣṭha, a menos que esse rei se tornasse um Brahmārṣi, um conhecedor de Brahman. Vasiṣṭha ficou indignado no começo mas, superando todos os obstáculos se tornou um sábio.

Palavra e significado

Samkaroti Śaṅkaraḥ = aquele que torna possíveis as bênçãos, que é a fonte de *mokṣa*, da liberdade. As palavras em sânscrito desvendam os significados. Não há significados arbitrários anexos às palavras. Cada palavra tem um ou mais significados, cada significado alude a uma palavra. Algumas palavras têm conexões etimológicas com outras.

Assim acontece com as raízes dos verbos ou substantivos, chamadas *dhātus*, que estão conectados com alguma origem semiótica, que apontam para alguma direção determinada. No sânscrito, as raízes não são palavras. Elas existem para que as palavras surjam dessas raízes.

As raízes têm significados. Às vezes um só, às vezes mais de um. Compreendemos as palavras védicas através da compreensão das suas raízes. *Karoti* = aquele que faz. Daí derivam as palavras *kartaḥ*, *karaḥ*, etc., que designam alguém que faz algo.

Mokṣa é o fim da viagem, da jornada do *jīva* através das sucessivas encarnações do *saṁsāra*. Se o *paramparā* fosse uma corrente, há um elo que se destaca. Ele é Ādi Śaṅkarācārya. Ele é chamado “o elo brilhante”.

Por que ensinar? Por que existe o ensinamento? *Karuṇa* é compaixão. Professores como Ādi Śaṅkarācārya não ensinam para grandes multidões. Respondem questões pessoais, às vezes em pequenos grupos, às vezes individualmente.

Uma imagem recorrente de Śaṅkarācārya mostra-o sentado sob uma árvore, rodeado por seus quatro discípulos mais próximos. Uma compaixão ativa é necessária para que o ensinamento tenha lugar. Śaṅkarācārya é chamado neste mantra de *karuṇalayam*, o repositório da compaixão. Ou seja, aquele que é cheio de compaixão.

Porém, a compaixão deve ser acompanhada de certas qualidades e habilidades. Por exemplo, se você vê alguém se afogando num rio, somente a compaixão não é suficiente para salvar a pessoa. Você também precisa saber nadar muito bem para fazer o salvamento. Senão, você pode acabar morrendo afogado junto com a pessoa que está tentando salvar.

O terceiro e último *śloka* desta saudação aos mestres diz assim: “Saúdo (*vande*) este Senhor Śaṅkarācārya, que é Īśvara, que é a encarnação do conhecimento, que tem esse poder extraordinário de nos libertar da ignorância através do conhecimento. O devoto olha para Ādi Śaṅkarācārya como uma forma de Īśvara.

A palavra *badarāyana* designa aquele que viveu nas florestas próximas a Badrinath, um importante templo que fica no norte da Índia, na cordilheira do Himalaia. Śaṅkara peregrinou e viveu nessa área. A expressão *sūtrabhāṣyakṛtau* alude ao comentário que Ādi Śaṅkarācārya fez ao *Brahmasūtra* ou *Vedāntasūtra*, a obra essencial do Vedānta. Minha saudação àquele que é a encarnação de Śrī Dakṣinamūrti.

Swāmi Dayānanda.



❧ श्री: ❧

Śrī Hastāmalakīyam Stotram

श्री हस्तामलकीय् स्तोत्रम्

श्री शङ्कराचार्य उवाच ।

कस्त्वं शिशो कस्य कुतोऽसि गन्ता किं नाम ते त्वं कुत आगतोऽसि ।

एतन्मयोक्तं वद चार्भक त्वं मत्प्रीतये प्रीति विवर्धनोऽसि ॥ १ ॥

śrī śaṅkarācārya uvāca

kastvaṁ śiśo kasya kuto'si gantā

kiṁ nāma te tvaṁ kuta āgato'si |

etanmayoktaṁ vada cārbhaka tvam

matprītaye prītivivardhanosi || 1 ||

हस्तामलक उवाच ।

नाहं मनुष्यो न च देवयक्षौ न ब्राह्मणक्षत्रियवैश्यशूद्राः ।

न ब्रह्मचारी न गृही वनस्थो भिक्षुर्न चाहं निजबोध रूपः ॥ २ ॥

hastāmalaka uvāca |

nā'ham manuṣyo na ca devayakṣau

nā brāhmaṇakṣatriyavaiśyaśūdrāḥ |

na brahmacārī na grhī na vanasthaḥ

bhikṣurna cāham nijabodharūpaḥ || 2 ||

निमित्तं मनश्चक्षुरादि प्रवृत्तौ निरस्ताखिलोपाधिराकाशकल्पः ।

रविलोकचेष्टानिमित्तं यथा यः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ३ ॥

nimittaṁ manaścakṣurādipravṛttau

nirastākhilopadhirākāśakalpaḥ |

ravirlokaceṣṭānimittaṁ yathā yaḥ

sa nityopalabdhisvarūpo'hamātmā || 3 ||

यमन्युष्णवन्नित्यबोध स्वरूपं मनश्चक्षुरादीन्यबोधात्मकानि ।

प्रवर्तन्त आश्रित्य निष्कम्पमेकं स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ४ ॥

yamagnyuṣṇavannityabodhasvarūpaṁ

manaścakṣurādīnyabodhātmakāni |

pravartanta āśritya niṣkampamekaṁ

sa nityopalabdhisvarūpo'hamātmā || 4 ||

मुखाभासको दर्पणे दृश्यमानो मुखत्वात् पृथक्त्वेन नैवास्ति वस्तु ।
चिदाभासको धीषु जीवोऽपि तद्वत् स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ५ ॥
mukhābhāsako darpaṇe dṛśyamāno
mukhatvātpṛthaktvena naivāsti vastu |
cidābhāsako dhīṣu jīvo’pi tadvat
sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā ॥ 5 ॥

यथा दर्पणाभाव आभासहानौ मुखं विद्यते कल्पनाहीनमेकम् ।
तथा धी वियोगे निराभासको यः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ६ ॥
yathā darpaṇābhāva ābhāsahānau
mukhaṁ vidyate kalpanāhīnamekam |
tathā dhīvīyoge nirābhāsako yaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā ॥ 6 ॥

मनश्चक्षुरादेर्वियुक्तः स्वयं यो मनश्चक्षुरादेर्मनश्चक्षुरादिः ।
मनश्चक्षुरादेरगम्यस्वरूपः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ७ ॥
manaścakṣurāderviyuktaḥ svayam yo
manaścakṣurādermanaścakṣurādiḥ |
manaścakṣurāderagamyasvarūpaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā ॥ 7 ॥

य एको विभाति स्वतः शुद्धचेताः प्रकाशस्वरूपोऽपि नानेव धीषु ।
शरावोदकस्थो यथा भानुरेकः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ८ ॥
ya eko vibhāti svataḥ śuddhacetāḥ
prakāśasvarūpo’pi nāneva dhīṣu |
śarāvodakastho yatha bhānurekaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā ॥ 8 ॥

यथाऽनेकचक्षुःप्रकाशो रविर्न क्रमेण प्रकाशीकरोति प्रकाश्यम् ।
अनेका धियो यस्तथैकः प्रबोधः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ९ ॥
yathā’nekacakṣuḥ prakāśo ravirna
krameṇa prakāśīkaroti prakāśyam |
anekā dhiyo yastathaikaḥ prabodhaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā ॥ 9 ॥

विवस्वत् प्रभातं यथा रूपमक्षं प्रगृह्णाति नाभातमेवं विवस्वान् ।
यदाभात आभासयत्यक्षमेकः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ १० ॥

vivasvatprabhātaṁ yathā rūpamakṣaṁ
pragr̥hṇāti nābhātamevaṁ vivasvān |
yadābhāta ābhāsayatyakṣamekaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo'hamātmā || 10 ||

यथा सूर्य एकोऽप्स्वनेकश्चलासु स्थिरास्वप्यनन्यद्विभाव्यस्वरूपः ।
चलासु प्रभिन्नः सुधीष्वेकम् एव स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ११ ॥
yathā sūrya eko'psvanekaścalāsu
sthirāsvapyanyadvibhāvyasvarūpaḥ |
calāsu prabhīnnāsu dhīṣvekaṁ eva
sa nityopalabdhisvarūpo'hamātmā || 11 ||

घनच्छन्नदृष्टिर्घनच्छन्नमर्कम् यथा निष्प्रभं मन्यते चातिमूढः ।
तथा बद्धवद्भाति यो मूढदृष्टेः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ १२ ॥
ghanacchannadr̥ṣṭirghanacchannamarkaṁ
yathā niṣprabhaṁ manyate cātimūḍhaḥ |
tathā baddhavadbhāti yo mūḍhadr̥ṣṭeḥ
sa nityopalabdhisvarūpo'hamātmā || 12 ||

समस्तेषु वस्तुष्वनुस्यूतमेकं समस्तानि वस्तूनि यन्न स्पृशन्ति ।
वियद्वत्सदा शुद्धमच्छस्वरूपं स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ १३ ॥
samasteṣu vastuṣvanusyūtamekaṁ
samastāni vastūni yaṁ na spr̥śanti |
viyadvat sadā śuddhamacchasvarūpaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo'hamātmā || 13 ||

उपाधौ यथा भेदता सम्मणीनां तथा भेदता बुद्धिभेदेषु तेऽपि ।
यथा चन्द्रिकाणां जले चञ्चलत्वं तथा चञ्चलत्वं तवापीह विष्णो ॥ १४ ॥
upādhau yathā bhedaṭā sanmaṇīnām
tathā bhedaṭā buddhi bhedeṣu te'pi |
yathā candrikāṇām jale cañcalatvaṁ
tathā cañcalatvaṁ tavāpīha viṣṇuḥ || 14 ||

॥ इति श्रीहस्तामलकाचार्यरचितं हस्तामलकसंवादस्तोत्रं सम्पूर्णम् ॥
|| iti śrīhastāmalakācāryaracitaṁ
hastāmalakasaṁvādistotraṁ sampūrṇam ||





Comentário do Hastāmalakīyam

Śloka 1

श्री शङ्कराचार्य उवाच ।

कस्त्वं शिशो कस्य कुतोऽसि गन्ता किं नाम ते त्वं कुत आगतोऽसि ।

एतन्मयोक्तं वद चार्भक त्वं मत्प्रीतये प्रीतिविवर्धनोऽसि ॥ १ ॥

śrī śaṅkarācārya uvāca |

kastvaṁ śiśo kasya kuto'si gantā

kiṁ nāma te tvaṁ kuta āgato'si |

etanmayoktaṁ vada cārbhaka tvam

matprītaye prītivivardhanosi || 1 ||

Śrī Śaṅkarācārya disse:

Ó criança! Quem é você? De quem você é filho?

Donde você vem? Qual é seu nome? Aonde você vai?

Por favor, ó jovem, responda às minhas questões,

pelo afeto e crescente apreço que sinto [por você]. 1.

śrī śaṅkarācārya uvāca = Śrī Śaṅkarācārya disse; *kastvaṁ* = quem é você?; *he śiśo* = ó criança?; *kasya* = de quem [você é filho]?; *kuto'si gantā* = para onde você vai?; *kiṁ nāma te* = como é o seu nome?; *tvam kuta āgato'si* = donde você vem?; *etan mayoktaṁ vada* = por favor, responda à minha questão; *he arbhaka* = ó jovem!; *tvam matprīṭaye prītivivardhanosi* = pois você parece amoroso.

Comentário da estrofe 1

Ādi Śaṅkarācārya era um professor jovem mas muito bem preparado. Vidyāraṇya Svāmi, um dos seus quatro principais discípulos, escreveu sua biografia. Nela, conta-se que uma vez, este grande mestre, junto com seus discípulos estava viajando pela região de Mukambi, no estado de Karnataka, quando chegou num *Śrībali aghara*, uma cidade de brâmanes. Lá, o grupo encontrou um sacerdote chamado Prabhakāra. Ele era uma pessoa muito bem educada, versada nos Śāstras, com uma bela família e tudo para ser feliz.

No entanto, ele tinha uma preocupação que o deixava infeliz: seu filho, embora com treze anos de idade, não falava, não brincava com as outras crianças nem se comunicava, embora aparentasse ser muito brilhante e saudável. Não ia à escola, comia muito irregularmente e ficava aparentemente inerte, sem ação, por longos períodos. Prabhakāra levou a criança à presença do mestre, buscando ajuda e conselho. Śaṅkarācārya, dirigindo-se a ela, perguntou-lhe: Ó criança! Quem é você? De quem você é filho? Qual é seu nome? De onde você vem? Para onde você vai? Você parece ser atraente, brilhante, e amoroso. Por favor, responda-me, para o meu prazer.

Pode parecer absurdo falar para alguém que não responde mas, por algum motivo, a criança fala com Śaṅkara. A resposta dada pelo garoto é este texto em quatorze estrofes conhecido como *Hastāmalakīyam stotram*. Basicamente, ele responde não ser um autista (*jada*), nem um objeto inerte, mas plena Consciência.

Ele sabe que todas as ações, todos os elementos da criação, tanto no micro quanto no macrocosmos, derivam da consciência, e são pura consciência. Provavelmente, Śaṅkarācārya não esperava que o garoto respondesse. Muito menos, que desse esse tipo de resposta.

Esse é o motivo pelo qual, após o diálogo, o mestre passou a chamar a criança de Hastāmalaka. Hastāmalaka significa, literalmente, “o *āmalaka* na mão”. *Āmalaka* é uma fruta ácida, muito rica em vitamina C e minerais, usada na culinária indiana há séculos, do tamanho de uma noz. Portanto, o nome Hastāmalaka pode ser traduzido como “aquela pessoa cuja visão do Real é tão clara quanto a de alguém que olha para uma fruta na palma da sua mão”.

Śloka 2

श्री हस्तामलक उवाच ।
नाहं मनुष्यो न च देवयक्षौ न ब्राह्मणक्षत्रियवैश्यशूद्राः ।
न ब्रह्मचारी न गृही वनस्थो भिक्षुर्न चाहं निजबोध रूपः ॥ २ ॥

śrī hastāmalaka uvāca |
nā'ham manuṣyo na ca devayakṣau
nā brāhmaṇakṣatriyavaiśyaśūdrāḥ |
na brahmacārī na grhī na vanasthaḥ
bhikṣurna cāham nijabodharūpaḥ || 2 ||

Hastāmalaka disse:

Não sou humano, nem força da natureza, nem ser celestial.

Não sou brâmane nem guerreiro, nem comerciante nem artesão.

Não sou estudante nem casado, nem aposentado nem renunciante.

Eu *sou* na forma de *bodha*, a Consciência. 2.

hastāmalaka uvāca = Hastāmalaka disse; *nā'ham manuṣyaḥ* = não sou humano; *na ca deva* = nem *deva* (deus ou força elemental da natureza); *yakṣaḥ* = anjo ou demônio; *nā brāhmaṇa* = nem sacerdote; *kṣatriya* = guerreiro; *vaiśya* = comerciante; *śūdrāḥ* = artesão; *na brahmacārī* = nem estudante; *na grhī* = nem homem de família; *na vanasthaḥ* = nem aposentado; *bhikṣurna ca* = tampouco sou um renunciante; *aham nijabodharūpaḥ* = minha natureza é *bodha*, Consciência.

Comentário da estrofe 2

O menino diz ser livre de *varṇa*, a posição social, bem como de todos os papéis vinculados às diferentes etapas da vida que são, na sociedade hindu tradicional, a do estudante, a do casamento e a vida em família, a da aposentadoria e a da renúncia. É sobre esse assunto, a não-identificação com os papéis que representamos na vida, que Ādi Śaṅkarācārya sempre ensinou. É sobre isso que ele escreveu. E agora, esta criança, aparentemente autista, está ensinando para ele.

Śaṅkara se torna assim um ouvinte, um estudante que escuta o que a criança tem para dizer. O menino responde as perguntas de Śaṅkarācārya nas próximas estrofes. Imaginamos o quão surpreso ele ficasse, ao ouvir este profundo ensinamento, com tanta clareza e conhecimento dos lábios do garoto. No fim de cada estrofe, o jovem *yogi* repete o adágio *sa nityopalabdhi svarūpo'hamātmā*, que significa “eu sou esse Ātma, esse Ser, cuja natureza é o eterno conhecimento da consciência”.

Quem ensinou para ela? Na *Bhagavadgītā* (VI:40), Śrī Kṛṣṇa diz que qualquer esforço em direção ao autoconhecimento feito em nascimentos prévios não se perde. Ou seja, que os esforços feitos em vidas anteriores são retomados no mesmo ponto em que foram deixados na existência anterior. Isso explica por que o garoto é tão dotado, e fala de maneira tão clara sobre o autoconhecimento.

O contato com Ādi Śaṅkarācārya é uma bênção para o menino. Ele lembra de tudo o que sabia e realizou nas encarnações anteriores. Então, o mestre, dirigindo-se ao pai da criança, Prabhakāra, diz que ela não é de nenhuma utilidade na casa, e que gostaria de adotá-lo para que ele pudesse continuar no processo de autoconhecimento. O pai aquiesce, com relutância. O garoto viveu e aprendeu com Śaṅkara e passou posteriormente a ser conhecido como Hastāmalakacārya, tornando-se um dos quatro mais importantes discípulos do grande mestre.

A palavra *hastāmalaka* significa “o *amalaka* na mão”. *Amala* ou *amla* é uma fruta ácida, rica em vitamina C, largamente usada na Índia, tanto na culinária quanto em preparados ayurvédicos, como em forma de óleo cosmético para a pele ou o cabelo. “O *amalaka* na mão” é uma parábola que explica o brilhantismo da sabedoria do garoto, que explica as coisas de forma tão simples e direta, que o autoconhecimento fica tão acessível quanto uma fruta na palma da mão.

Todos os grandes temas do Vedānta e do Jñānayoga estão aqui: *dharma*, autoconhecimento, meios para se livrar do sofrimento, propósitos humanos, etc. Estes versos têm um comentário atribuído ao próprio Ādi Śaṅkarācārya.

Śloka 3

निमित्तं मनश्चक्षुरादि प्रवृत्तौ निरस्ताखिलोपाधिराकाशकल्पः ।
रविलोकचेष्टानिमित्तं यथा यः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ३ ॥
nimittaṁ manaścakṣurādipravṛttau
nirastākhillopadhirākāśakalpaḥ |
ravirlokaceṣṭānimittaṁ yathā yaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā || 3 ||

Eu sou Ātma, cuja natureza é a consciência ilimitada,
e que é a causa do funcionamento da mente, do olhar
e dos demais sentidos, assim como o Sol é a causa das
ações dos seres na Terra. Contudo, quando não associado
com os fatores limitadores [corpo, mente e sentidos],
Eu, o Ser, sou como o espaço [que tudo abrange]. 3.

nimitaṁ = causa, motivo; *manaḥ* = mente; *cakṣuḥ* = olhar; *ādi* = e demais; *pravṛttau* = funcionamento; *nirastākhilāḥ upadhiḥ* = aquilo que é completamente (*akhilāḥ*) desprovido (*nirasta*) de *upādhis* (projeções ou associações limitantes); *ākāśa kalpaḥ* = que é como o espaço; *raviḥ* = o sol; *loka* = a terra, o mundo; *ceṣṭānimitaṁ* = é a causa das atividades; *yathā yaḥ* = certamente, de fato; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

Comentário da estrofe 3

Estabelecer contato com esse assunto peculiar que é o autoconhecimento não é complicado. Para conhecer, você precisa de um meio de conhecimento. Geralmente, os objetos ficam ao alcance da nossa percepção sensorial ou inferência. A percepção pode ser melhorada através do uso de lentes, lunetas, microscópios, etc. A inferência pode ser aguçada também pelo uso de calculadoras, computadores, etc. Com o uso desses meios auxiliares, você pode aprofundar seu conhecimento sobre esses objetos ou temas.

Dessa forma, o conhecimento substitui a ignorância aos poucos. Esse tipo de conhecimento é cumulativo e perfectível, e vai revelando o desconhecido, corrigindo os erros e aprofundando o que já se sabe. Digamos agora que você tem um tema que não esteja disponível para a sua apreciação, nem através dos sentidos, nem através da inferência. Supondo que existisse esse tema, você precisaria de um meio de conhecimento adequado para aprendê-lo. Esse tema existe, e é o autoconhecimento.

Como dissemos anteriormente, *hastāmalaka* significa o *amalaka* na mão. Ou seja, alguém para quem a verdade é tão clara como olhar para uma fruta na palma da mão. As pessoas pensavam que o menino fosse autista. Ele responde no primeiro que não é, que não tem nenhum problema mental, mas não se define pelo que geralmente nos definimos: nome, idade, descrição física, vocação, coisas que fazemos ou apreciamos, etc. Geralmente nos autodefinimos através dos componentes que constituem o nosso ego: preferências, aspecto físico, cor da pele ou dos olhos, idade, sexo, grau de saúde, posição familiar ou social, ou se temos alguma limitação física. Todos esses elementos constroem a nossa auto-identidade.

Todos temos nossas qualidades e habilidades, e cada um é diferente dos demais. O mesmo acontece no aspecto gnosiológico. Temos também a capacidade de aguçar nossas qualidades, de aprender cada vez mais. Cada uma dessas qualidades pode se tornar um objeto da nossa apreciação, que é objetificado pelo eu. Esse peculiar componente que é o eu, o Ser, é justamente aquele pelo qual existimos.

Essa auto-objetificação também constrói a nossa identidade. Dizemos, por exemplo, “este é meu corpo”. O corpo se torna um objeto, para cuja apreciação usamos o olhar, o tato e demais meios de conhecimento. A verdade é que somos muito inocentes, pois não nos damos conta de que, se objetificamos algo, esse algo não pode ser o que nós somos, já que o Ser não é um objeto que possa ser apreciado através da visão ou a audição e, aliás, o Ser é o sujeito que observa todos os objetos.

Esses componentes, porém, dão corpo ao ego. A palavra eu, em inglês, é *I*, uma linha vertical. Alguns livros de Vedānta usam o *i* para se referir ao ego, ao corpomente, e o *I* para se referir ao Ser. Mas é melhor evitar esse tipo de explicação, já que não ilustra devidamente a peculiar situação que estamos tentando definir aqui. É melhor não usar gráficos ou esquemas desse tipo.

Ao lidarmos com o autoconhecimento, é melhor não usar *props*. É *impróprio* usar esse tipo de *prop*, já que isso pode se tornar uma barreira intransponível. É por isso que, tradicionalmente não se usam ilustrações ou esquemas no ensino do Vedānta. O ensinamento acontece através da palavra, e somente ela.

Este ego e este corpomente, então, têm elementos que podem ser objetificados por mim, que estão disponíveis para a minha observação. Você pode observar as condições da sua mente, das suas emoções, do seu corpo, em um dado momento. Você pode objetificar a sua posição social, familiar, etc., a qualquer momento também. Esse você que aprecia as coisas seria independente dos objetos observados?

O menino se definiu na estrofe anterior como *bodhah*, aquele que não precisa ser revelado pois já é autoevidente, em mesmo tempo em que revela todos os objetos existentes. Ele não se define como zero, nem como vazio. O zero não existe sem o algo. O vazio não existe separado do pleno. Tampouco se define através da posição social, idade, etc.

Só existe uma consciência, e ela revela os objetos. Essa consciência é auto-revelada. Não precisa de uma segunda consciência que a revele. Aliás, essa segunda consciência nem sequer existe. Os pensadores indianos de outrora, chamados *ṛṣis*, constataram que o observador assume a forma do objeto observado. Quando esse objeto de observação é o corpomente, naturalmente este observador que é o Ser *torna-se* a forma do próprio corpomente. Isso se chama *viśayākāraṇṛtti*.

O Sol é a fonte de luz durante o dia. As estrelas e a lua são as fontes de luz no céu durante a noite. Os corpos refletem a luz do Sol durante o dia, assim como a lua reflete essa mesma luz no céu durante a noite. Você vê os diferentes corpos por causa dessa luz que eles refletem. Em verdade, o que você vê é a luz refletida nos corpos. Durante o dia, sob a luz do Sol ou de outras fontes, nós percebemos os objetos. Com que luz você enxerga as fontes de luz? Como você enxerga a fonte de

todas as fontes de luz que revelam os objetos aos seus olhos? Eu vejo a fonte de luz, assim como a luz refletida nos objetos, através da luz nos meus olhos. Essa luz não é uma luz física, mas a luz das luzes, que é a luz da Consciência, *jyotiṛjyotiḥ*.

A luz física é então apreciada pela luz da Consciência. É com ela que vemos. É ela que ilumina a mente, o corpo e os objetos. É ela a que me permite testemunhar o que acontece no meu psiquismo, é ela a que me permite verificar as mudanças, emoções, desejos, etc. Essa luz não cresce nem declina, nunca muda. A Consciência auto-revelada revela absolutamente todos os objetos. Não há, portanto, uma segunda consciência, nem uma segunda luz.

Os ouvidos ouvem, os olhos vêem, o tato recebe as impressões táteis, o paladar percebe os sabores, o olfato recebe os cheiros. Todos eles respondem e alimentam a mente. *Nimittam* é aquilo que permite que os sentidos funcionem e a mente pense. Neles, e através deles, existe consciência. O termo *akhila upādhi* designa a superimposição total: *akhila* = total, completo; *upādhi* = superimposição.

Finaliza o garoto a primeira estrofe dizendo *sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā*: “eu sou este Ser cuja natureza é o eterno conhecimento da consciência, Ātma”. Esta é a segunda parte da resposta que o garoto dá à pergunta feita por Ādi Śaṅkarācārya, quem é você? Ātma, a pura consciência, permanece presente continuamente, na vigília, o sono e o sonho. E por causa da presença da consciência que a mente e os sentidos aparentam ter consciência própria e funcionam, revelando-nos os respectivos objetos para os quais eles apontam.

No estado de sonho, os órgãos sensoriais ficam *desligados*, mas a mente permanece ativa, iluminada, por sua vez, pela consciência. No estado de sono profundo, por sua vez, a mente também fica inativa, mas a consciência permanece. Isto é provado pelo fato que, ao acordarmos, lembramos que dormimos, e igualmente lembramos da qualidade do nosso sono. Apenas aquilo que foi experienciado previamente pela pessoa pode ser lembrado. Portanto, fica assim demonstrado que o Ser, a consciência, estava presente também no estado de sono profundo.

Śloka 4

यमग्न्युष्णवन्नित्यबोध स्वरूपं मनश्चक्षुरादीन्यबोधात्मकानि ।

प्रवर्तन्त आश्रित्य निष्कम्पमेकं स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ४ ॥

yamagnyuṣṇavannityabodhasvarūpaṁ

manaścakṣurādīnyabodhātmakāni |

pravartanta āśritya niṣkampamekaṁ

sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā || 4 ||

Eu sou o Ser, eterno e uno [não-dual], cuja natureza é Consciência invariável, assim como o calor é a natureza do fogo. É graças à Consciência que a mente, o olhar e os demais sentidos funcionam. 4.

agni uṣṇavat = assim como o calor é a natureza do fogo; *nitya bodha svarūpaṁ* = a Consciência invariável é a minha natureza; *manaḥ* = mente; *cakṣuḥ* = olhar; *ādīni* = e demais (faculdades); *abodhātmakāni* = inerte, inconsciente, sem consciência (*bodhātma* = o Ser autoconsciente); *pravartanta* = torna-se ativo; *yam āśritya* = aquele de quem depende; *niṣkampam* = firme, inamovível; *ekaṁ* = uno; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

Comentário da estrofe 4

A lua brilha depois que reflete a luz do Sol. A árvore que reflete o brilho da lua à noite, brilha no escuro depois de receber o brilho dela. Todos os objetos que brilham, brilham ao refletir a luz do Sol, ou a luz de outro objeto que reflete o brilho dele. Podemos observar os diferentes objetos porque a luz da consciência se reflete na mente e, através dela, nos sentidos que, por sua vez, iluminam os objetos. O toque, a visão, a audição, são consciência. As texturas, as formas, os sons, são consciência. Dizemos que os sentidos são consciência, porque eles *pegam emprestada* a luz da consciência para funcionar. A mente, igualmente, *pega emprestada* essa luz para também poder funcionar. O olho não enxerga se a consciência não estiver por trás dele. Os ouvidos não ouvem se a consciência não os iluminar. Esta consciência, que tudo ilumina, é Ātma.

Se você apaga a mente, os sentidos não funcionam. Quando nos distraímos momentaneamente, por exemplo, deixamos de ouvir o que nos falam, embora o sentido de audição permaneça “ligado”. Isso nos demonstra que a audição não é ciente por si mesma. Ela precisa pegar emprestada a consciência da mente que, por sua vez, pega emprestada a consciência do Ser.

Portanto, sem a presença da consciência, os sentidos não podem ter nenhum tipo de percepção. Similarmente, os órgãos de ação não funcionam sem a presença da consciência. Se eles tivessem consciência separada de Ātma, ele seriam algum outro Ātma. O não-dualismo, nos ensina que só há um Ātma, uma consciência, da qual emanam todas as percepções e ações de todos os seres vivos, todos os nomes e as formas, animadas e inanimadas.

Assim como o calor é a natureza do fogo, similarmente, diz a estrofe, a natureza daquilo que somos e consciência ilimitada. Não existe fogo frio. Para que o fogo

exista, precisa haver calor. Sem calor não há fogo. Igualmente, sem consciência, não há mente, nem percepções. O Ser é, na forma da consciência, bodhasvarūpa. “Na forma da consciência, que não é limitada pelo espaço nem pelo tempo, eu sou”, diz o garoto Hastāmalaka. Essa consciência é *nirvikalpa*, não está sujeita a divisão. É *nirvikaram*, ou seja, nunca sofre nenhum tipo de mudança ou modificação.

Śloka 5

मुखाभासको दर्पणे दृश्यमानो मुखत्वात् पृथक्त्वेन नैवास्ति वस्तु ।
चिदाभासको धीषु जीवोऽपि तद्वत् स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ५ ॥
mukhābhāsako darpaṇe dr̥ṣyamāno
mukhatvātpṛthaktvena naivāsti vastu |
cidābhāsako dhīṣu jīvo’pi tadvat
sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā || 5 ||

O reflexo de um rosto num espelho não tem existência separada da face refletida. Similarmente, o *jīva*, que é reflexo do Ser na inteligência, não tem, de fato, existência independente dele. Eu sou esse Ser, que é da natureza da eterna consciência. 5.

darpaṇe dr̥ṣyamānaḥ mukhābhāsakaḥ = a imagem da face refletida num espelho; *mukhatvāt pṛthaktvena* = separada da face; *na eva vastu āsti* = que não tem existência real (separada da sua causa); *dhīṣu cit ābhāsakaḥ* = que é um reflexo da Consciência nos pensamentos; *jīvaḥ* = a individualidade, o ser encarnado num corpo; *api* = igualmente, também; *tadvat* = assim, dessa forma; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo’ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

Comentário da estrofe 5

Algumas palavras têm a capacidade de revelar a natureza de Ātma. Apontando para o mesmo princípio, elas são intercambiáveis: *sat* é *cit*, *cit* é *ānanda*, *ānanda* é *sat*. No Vedānta, as palavras precisam ser usadas com muito cuidado. Se, por exemplo, dissermos que só há um Ātma, *ekātmah*, mas não compreendermos a peculiar condição do *jīva* encarnado, poderíamos concluir precipitadamente que, se uma pessoa atingir *mokṣa*, todos os demais nos libertaremos junto com ela. Não é bem isso o que acontece.

Quando o *jīva* se liberta, aquela individualidade apenas se liberta. Se uma pessoa é feliz, isso não torna todas as demais felizes. Se uma pessoa está com fome, isso não

deixa todas as demais famintas. Se uma pessoa sacia sua fome, isso não deixa todas as demais saciadas. As diferenças não criam problemas para os *jīvas*.

Os problemas humanos são todos diferentes, mas todos têm o mesmo substrato. Portanto, podemos afirmar que todos têm a mesma solução. Esse substrato é o senso de inadequação, a idéia de ser insignificante. O remédio contra ele é o autoconhecimento, que nos mostra e demonstra que somos o ilimitado. Como diz esta quinta estrofe, quando nos reconhecemos como o rosto real, ao invés de nos identificar com o reflexo dele, percebemos a nós mesmos como o Ser ao invés de nos ver como as limitações inerentes ao corpomente.

O reflexo não existe separado do rosto. O rosto é *satyam*, o reflexo no espelho é *mithyāḥ*. O rosto é verdadeiro. Em relação a ele, o reflexo no espelho não é falso nem não existente, mas é relativo. Isso é *mithyāḥ*. O reflexo depende da presença do rosto para acontecer.

O rosto não depende da presença do reflexo para ser. O rosto existe sem seu reflexo, mas o reflexo não pode existir sem o rosto. Essa é a peculiar relação entre *satya* e *mithyāḥ*, o verdadeiro e o relativo. Sendo o *jīva* um reflexo do Ser, ele é *mithyāḥ*.

Temos aqui vários potes. Cada um é diferente dos demais. Todos eles são feitos de argila. Consideremos que a argila é *satyam*, e a forma do pote seja *mithyāḥ*. A existência do pote depende da presença da argila. A potidade não existe sem a argila. Não entanto, sendo *mithyāḥ*, o pote é capaz de conter água. Portanto, não podemos dizer que ele seja falso, nem podemos afirmar que seja não existente.

Algumas escolas de Neovedānta afirmam que *mithyāḥ* é ilusão, irreabilidade ou falsidade, mas não é bem assim. Experiencialmente falando, o pote é real: você vê ele, sente ele, e repara que ele tem uma função prática, segurar água, que é satisfatoriamente cumprida. Podemos afirmar então, que qualquer objeto que tenha alguma função prática ou utilidade, seja *mithyāḥ*.

Um cachorro pode ficar amedrontado pela própria imagem refletida num espelho. Ele precisaria de um professor para lhe indicar que esse cachorro que ele está vendo é ele mesmo. Nós, paradoxalmente, vivemos uma situação parecida com a do cachorro que se olha no espelho, acreditando sermos o reflexo, ao invés daquilo graças ao que o reflexo existe.

Essa noção equivocada pode ser corrigida através do autoconhecimento. *Jīva* é o reflexo, *Ātma* é aquele que reflete. O reflexo do Ser na inteligência individual dá lugar ao *jīva*. Posteriormente, este *jīva* acredita ser uma individualidade separada do Ser.

Śloka 6

यथा दर्पणाभाव आभासहानौ मुखं विद्यते कल्पनाहीनमेकम् ।
तथा धी वियोगे निराभासको यः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ६ ॥
yathā darpaṇābhāva ābhāśahānau
mukhaṁ vidyate kalpanāhīnamekam |
tathā dhīviyoge nirābhāśako yaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā || 6 ||

Assim como quando o espelho é removido, o reflexo cessa de existir mas o rosto permanece, similarmente, a pura Consciência existe sem seus reflexos na ausência de *buddhi*, a inteligência. Sou esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada. 6.

yathā darpaṇa ābhāva = assim como quando o espelho é removido; *ābhāśa hānau* = a imagem (refletida nele) desaparece; *ekam kalpanāhīnam mukhaṁ vidyate* = apenas o rosto permanece, sem o seu reflexo; *tathā* = da mesma maneira, dessa forma; *dhī viyogo* = quando disassociado da psiquê; *yaḥ nirābhāśakaḥ* = a plena Consciência permanece, sem o seu “reflexo” (*i.e.*, sem psiquê+corpo); *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo’ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

Comentário da estrofe 6

O condicionamento, o *saṁsāra*, tem uma ligação com Ātma, assim como existe, inegavelmente, uma conexão entre o rosto e seu reflexo no espelho. Você pode se perguntar quem está condicionado: *jīva* ou Ātma? *Jīva* é diferente de Ātma? Ātma não pode nunca ser condicionado, pois é ilimitado. Realmente falando, para Ātma, não há condicionamento nem libertação. O condicionamento pertence ao reflexo, não ao rosto que se reflete. São duas realidades pertencentes à mesma ordem. Você não pode dizer que um seja real e o outro ilusório. Ambos são reais, mas um é condicionado (*jīva*) e o outro não (Ātma).

Precisamos, portanto, compreender perfeitamente o que seja *mithyāḥ*. Estes exemplos dados pelo menino no discurso para o mestre nos ilustram claramente esta ligação entre o real e o relativo. A imagem refletida não está separada do rosto que se reflete.

O lugar onde o rosto se reflete, tampouco está separado do rosto que se reflete. Quem é, então, o condicionado? Ātma, como já vimos, não está condicionado, nem sofre nenhuma mudança ou modificação. O problema só pode estar no *jīva*, no indivíduo encarnado, que possui, nessa condição, ignorância existencial.

Os lugares onde o Ser se *reflete*, os *jīvas*, através do *budhi*, da inteligência de cada um, são como os diferentes espelhos nos quais o rosto se reflete. Alguns desses espelhos podem devolver uma imagem mais ou menos igual, outros podem distorcer essa imagem, para mais ou para menos, como nas salas de espelhos dos parques de diversões.

Essas salas de espelhos são um bom exemplo de como os seres humanos vemos a nós mesmos. A distorção que volta para mim do espelho, seja do tipo que for, não conta, pois o Ser não está sujeito à distorção.

Śloka 7

मनश्चक्षुरादेर्वियुक्तः स्वयं यो मनश्चक्षुरादेर्मनश्चक्षुरादिः ।
मनश्चक्षुरादेरगम्यस्वरूपः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ७ ॥
manaścakṣurāderviyuktaḥ svayam yo
manaścakṣurādermanaścakṣurādiḥ |
manaścakṣurāderagamyasvarūpaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo'hamātmā || 7 ||

Sendo o Ser livre da mente e dos órgãos sensoriais,
ele é a mente da mente, o olhar do olho e demais.
Sua própria natureza não pode ser alcançada pela
mente nem pelos órgãos de percepção. Eu sou esse
Ser, cuja natureza é consciência ilimitada. 7.

manaścakṣurāderviyuktaḥ = aquilo que é diferente da mente, do olhar e das demais faculdades e sentidos; *yaḥ svayam* = aquilo que é em si mesmo, que é autoexistente; *manaścakṣurādermanaścakṣurādiḥ* = e que (ao mesmo tempo) é a mente da mente, o olho do olho e a causa de todas os demais sentidos e faculdades sensoriais e psíquicas; *manaścakṣurāderagamyasvarūpaḥ* = aquilo que é inacessível à mente, ao olhar e aos demais sentidos; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhī* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

Comentário da estrofe 7

Ātma é independente da presença da mente, dos sentidos e demais equipamentos do corpomente. Esses equipamentos do corpomente são um fenômeno periférico, são circunstâncias subsidiárias à presença do Ser.

Os animais não têm os problemas existenciais que nós temos. Viver inteligentemente, contudo, não significa viver como animais, focados apenas em satisfazer nossos instintos de preservação e reprodução.

Carvaka era um filósofo que afirmava, como os materialistas de hoje, que quando corpo morre, não há nada mais. Ele dizia que o *prāṇa* era Ātma pois, quando o *prāṇa* sai do corpo da pessoa, ela morre. Estas formas de pensar são chamadas *avaidika*, escolas não-védicas de pensamento.

Se você, como Carvaka, confundir *budhi*, a inteligência individual (que, assim como o *prāṇa* e a mente, é também um fenômeno periférico) com o Ser, você não irá resolver o problema básico de ver a si mesmo como alguém isolado da totalidade, cheio de aflições.

Do corpo físico ao *prāṇa*, do *prāṇa* aos sentidos, dos sentidos aos órgãos de ação, dos órgãos de ação à mente, da mente ao ego, do ego à inteligência, tudo emana do Ser. Não há nada que esteja separado da totalidade que é o Ser. Ele, por sua presença, capacita os sentidos para perceber, os órgãos de ação para agir, a mente para pensar, mas ao mesmo tempo é intocado por esses fenômenos sensoriais, cognitivos ou *kármicos*.

Hastāmalaka diz que o Ser “é o pensar da mente e o olhar do olho”. Esta é uma afirmação que aparece anteriormente nas Upaniṣads: “o Ser é a mente da mente, o olho do olho, o ouvido do ouvido”. Ādi Śaṅkarācārya explica isso num verso do *Dakṣinamūrti stotram* com a seguinte imagem: num quarto escuro brilha a luz de uma lâmpada. Essa luz flui através das aberturas do quarto, janelas e portas.

Esse verso diz: *nānācchidraghaṭodarasthitamamahādīpaprabhābhāsvarām jñānam yasya tu cakśurādikaraṇadvārā bahiṣspandate*: “A consciência ilumina tudo no exterior através dos órgãos sensoriais, como os olhos [ouvidos e demais], assim como a luz da lamparina guardada dentro de um pote com muitos orifícios, através dos quais ilumina os objetos à sua volta”.

Só há uma fonte de luz, da qual raios partem em diferentes direções para iluminar tudo à sua volta. Essa imagem do *stotram* nos ajuda a compreender esta estrofe. Assim, compreendemos que os órgãos de percepção precisam da presença da consciência para funcionarem.

A luz da lamparina atravessa as frestas das paredes e emana para o exterior, iluminando indiretamente outros objetos. Esse exemplo aponta para a luz da consciência, que brilha e, indiretamente, ilumina a inteligência, o ego, a mente, etc.

A luz é uma só, mas os objetos iluminados por ela são muitos e variados. Outra imagem recorrente nos textos diz que podemos ver inúmeros Sóis, refletidos em muitas superfícies de água, mas esses reflexos não são o Sol. Eles dependem do Sol para existir.

O “ouvido do ouvido” do qual falam as Upaniṣads, não é o ouvido físico. O olho do olho, obviamente, tampouco não é o olho físico. A mente da mente não é aquela sequência de pensamentos, mas o próprio Ser. Para que o ouvido possa ouvir, o olho possa ver, e a mente possa pensar, é necessário que o Ser exista. Portanto, isto descarta a teoria dos materialistas, que afirma que o Ser não existe.

A presença do Ser é invariável. Mas, ela não pode ser objetificada, não pode ser percebido através de uma percepção sensorial. É por isso que o menino diz que a natureza do Ser “não pode ser alcançada pela mente nem pelos órgãos de percepção”.

Jyotirjyotiḥ significa “a luz das luzes”. Esta é uma expressão encontrada nos Śāstras. Através de que luz a luz é percebida? Através da luz da consciência. Essa chama-se luz das luzes. Qual é a mente da mente? A consciência. Qual é o olho do olho? A consciência. Isto está na *Keṇa Upaniṣad*, para ilustrar que não há distância entre *mithyāḥ* e *satyam*. A existência do pote depende da presença da argila. Consideramos que a argila seja *satyam*, e o pote, *mithyāḥ*.

O significado da palavra é aquilo que é. Esse aquele que é, é Ātma. O significado da palavra pote está superimposto à forma do pote, que está superimposto ao substato que é a argila. Esta argila não é potidade, não é pote. Ela *assume* a forma do pote, temporariamente. Se a argila acreditar ser o pote, ela perderá a condição de argila. É uma questão de auto-imagem: se eu me projetar e identificar com a mente, é mente que serei. Se me identificar apenas com os sentidos, serei sentidos apenas.

A luz física é *mithyāḥ*. O brilho da luz também é *mithyāḥ*. A luz que brilha por trás da luz, e graças à qual a luz física brilha, essa é *satya*. Essa é a luz da consciência. Essa é a verdade que subjaz e está presente em todas as experiências, em todos os momentos, em todos os lugares.

Estando então presente em todas as experiências, em todos os momentos, em todos os lugares, não precisamos buscá-la em alguma experiência determinada. Há apenas uma luz da consciência, que *torna* a mente, o ego e os sentidos, através da sua presença, conscientes e ativos.

Mas como é que alguém fica sabendo disto? Como podemos saber que há uma mente por trás da mente? Isto não deve ser tomado literalmente, no sentido de acharmos que haja uma segunda mente por trás da nossa, vigiando-a. Essa mente da mente, esse olho do olho, essa luz das luzes, é a pura consciência que é o Ser. Através da luz da consciência, posso ver as demais luzes. Ela ilumina a mente, e a mente é. Ela ilumina o ego, e o ego é. Ela ilumina a inteligência, e a inteligência é. Como é que alguém pode conhecer essa luz das luzes? A próxima estrofe explica.

Śloka 8

य एको विभाति स्वतः शुद्धचेताः प्रकाशस्वरूपोऽपि नानेव धीषु ।
शरावोदकस्थो यथा भानुरेकः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ८ ॥
ya eko vibhāti svataḥ śuddhacetāḥ
prakāśasvarūpo’pi nāneva dhīṣu |
śarāvodakastho yatha bhānurekaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā || 8 ||

Aquele que é Uno, autoefulgente, brilha na pessoa de mente pura. Mesmo brilhando com luz própria, o Ser aparenta ser muitos e variados indivíduos, assim como o Sol, que é um só, aparenta ser muitos nos diversos reflexos em diferentes corpos de água. Sou esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada. 8.

yaḥ svataḥ śuddha cetāḥ = que brilha por si mesmo e ilumina a psiquê pura (i.e., preparada); *prakāśa svarūpaḥ* = sendo autoefulgente; *ekaḥ api* = embora uno, ainda que único; *dhīṣu nānā iva vibhāti* = aparenta ser muitos e diferentes em diferentes psiquês; *yatha śarāva udakasthaḥ ekaḥ bhānuḥ* = assim como o sol, que é único, (refletido) em vários potes cheios de água (parece ser muitos sóis diferentes); *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhī* = conhecimento, percepção; *svarūpo’ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

Comentário da estrofe 8

Os corpos que não brilham com luz própria precisam refletir outras fontes de luz para poderem ser percebidos pelo olho. Esse reflexo é chamado *bhati*, termo que significa brilho. Um objeto brilha. Isso significa que ele se torna um objeto da minha consciência, da minha apreciação. Quando digo “o pote é”, o pote vem à luz da consciência. O pote brilha, o pote é: *ghatambhati ghatamasti*.

Uma fonte de luz não precisa de outra diferente dela para ser percebida pelo olho. Similarmente, a luz da consciência, que é uma, não precisa de uma segunda fonte luminosa que a ilumine para se revelar. A consciência se revela por si mesma. Ātma tem sua própria mente, que é sempre pura: *śuddhacetāḥ Ātmaḥ*. **O Ser não precisa ser iluminado por outro ser, ele é autoefulgente. Imaginar o contrário seria se colocar na situação do tolo que, à noite, busca o Sol com uma lanterna achando que, se o iluminar, ele irá brilhar no escuro. O Ser brilha então por ele mesmo. Não precisa de outra fonte de luz para brilhar.**

O movimento no reflexo do Sol na água não irá produzir um movimento no próprio Sol. Se há um Ātma que ilumina tantas mentes e olhares, como ele faz? Vai pulando de um em um? Vai acendendo aos poucos as mentes dos indivíduos? Em que ordem? De que maneira o Ser ilumina os *jīvas*? Estas questões são respondidas na próxima estrofe.

Śloka 9

यथाऽनेकचक्षुःप्रकाशो रविर्न क्रमेण प्रकाशीकरोति प्रकाश्यम् ।
अनेका धियो यस्तथैकः प्रबोधः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ९ ॥
yathā'nekacakṣuḥ prakāśo ravirna
krameṇa prakāśīkaroti prakāśyam |
anekā dhiyo yastathaikaḥ prabodhaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo'hamātmā || 9 ||

Assim como o Sol dá luz para os olhos, sem precisar revelar os objetos para cada olhar sucessivamente [mas a todos ao mesmo tempo], da mesma forma, a consciência única não ilumina as muitas mentes uma a uma, [senão a todas simultaneamente]. Sou esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada. 9.

yathā = assim como ; *raviḥ* = o sol; *aneka cakṣuḥ prakāśaḥ* = ilumina muitos olhares; *prakāśyam krameṇa na prakāśīkaroti* = não ilumina os objetos sequencialmente, um após o outro; *tatha* = da mesma maneira; *yaḥ ekaḥ prabodhaḥ* = aquele que é a Consciência Una; *anekāḥ dhiyaḥ* = (ilumina) muitas psiquês; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

Comentário da estrofe 9

Raviḥ é o Sol. Como ele ilumina os olhares? Essa luz que emana do Sol é percebida por todos os seres ao mesmo tempo. Ela não vai pulando de um em um. Os seres vivos não precisam fazer uma fila ou lista de espera para receber a luz do Sol e depois passar a perceber os objetos. Há pares e mais pares de olhos no mundo. Todos eles, simultaneamente, recebem a luz do Sol. A luz ilumina todos os olhares existentes ao mesmo tempo.

Por sua vez, a luz da consciência não precisa de outra luz para ser iluminada. Ele brilha por si mesma e, ao brilhar, ilumina todas as inteligências, todas as mentes e todos os egos ao mesmo tempo. Esse processo de conscientização, de transformação dos seres em seres conscientes, acontece instantaneamente.

Não é possível contar o tempo que transcorre entre a iluminação de um indivíduo e a iluminação de outro. Esse processo não pode ser quantificado usando minutos, segundos, milissegundos ou nano segundos. O Ser é autorrevelado, para todos os seres ao mesmo tempo. Sem espaço, distância, tempo ou ordem seqüencial.

Se um indivíduo diz “eu não sei”, a inteligência dele precisa ser instruída, precisa ser trabalhada. Se há muitas mentes, e cada uma está confundida, é necessário resolver essa confusão. Compreendendo estas verdades que o garoto Hastāmalaka coloca aqui, o *jīva* se liberta e passa a ser um *jīvanmukta*, alguém que se libertou da ignorância existencial. As próximas estrofes descrevem a maneira de olhar para o mundo deste “liberado em vida”, desse *jīvanmukta*. Cabe lembrar que o menino ainda está respondendo àquela primeira pergunta, “quem é você?”, que lhe foi feita pelo mestre Śaṅkara.

Śloka 10

विवस्वत् प्रभातं यथा रूपमक्षं प्रगृह्णाति नाभातमेवं विवस्वान् ।
यदाभात आभासयत्यक्षमेकः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ १० ॥
vivasvatprabhātaṁ yathā rūpamakṣaṁ
pragṛhṇāti nābhātamevaṁ vivasvān |
yadābhāta ābhāsayatyakṣamekaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā || 10 ||

Assim como o olho vê claramente apenas aqueles objetos que são iluminados pelo Sol, mas não aqueles que a luz não alcança, o próprio Sol torna o olho capaz de enxergar os objetos, apenas por que ele é, por sua vez, iluminado pela luz do Ser. Eu sou esse Ser, cuja Natureza é consciência ilimitada. 10.

yathā = assim como; *vivasvat prabhātaṁ* = iluminado pelo sol; *rūpam* = um objeto; *akṣaṁ pragṛhṇāti* = é percebido pelo olhar; *na ābhātaṁ* = (mas não) o que não é iluminado; *evaṁ* = similarmente; *yadābhāta* = iluminado por quem; *vivasvān* = o sol; *akṣam ābhāsayati* = ilumina o olhar; *ekaḥ* = que é

uno; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção;
svarūpo'ham ātmā = sou da natureza de Ātma.

Comentário da estrofe 10

O Sol ilumina as formas (*rūpam*). O olho as enxerga em presença da luz. O olho se torna capaz de enxergar os objetos e formas quando estes são iluminadas pelo Sol. Em ausência da luz, *nābhātām*, o olho não percebe as formas.

Para que o olho perceba deve haver luz. Para que a luz esteja presente, é necessária a presença do Sol ou de qualquer outra fonte de luz. Para que haja presença do Sol, é necessária a presença prévia de outro tipo de luz, que é a luz da consciência.

Aquele cuja luz ilumina o Sol, que ilumina os objetos, aquele é o Ser. A consciência ilumina o Sol, o Sol é. A consciência ilumina os objetos, e os objetos são. O brilho da luz refletida num objeto pode revelar esse objeto para o olho. Os olhos enxergam formas. Os ouvidos escutam palavras. Esta capacidade de perceber dos sentidos é algo assombroso.

Na medida em que a consciência individual ilumina os diferentes objetos à volta do *jīva*, ela revela esses objetos. A consciência permeia a mente. Está presente em todo e qualquer pensamento. O Ser é aquele através de quem os significados das coisas são desvendados. Tudo é revelado pela presença da luz da consciência. A presença reveladora do Ser é invariável. Essa presença reveladora chama-se *cetana*, consciência.

Porém, essa palavra também tem um segundo sentido, usado para designar os seres vivos, sensíveis. Oposto a este sentido do termo *cetana*, que designa aquilo que é consciente, existe *acetana*, palavra usada para descrever algo que é inerte ou inconsciente. Os objetos inanimados são *acetana*. Eles não saem andando por aí, não tomam decisões.

No primeiro sentido, **cetana não é um adjetivo do Ser. Não é um fenômeno subsidiário do Ser, mas o próprio Ser. Consciência não é apenas mais uma palavra. Quando dizemos consciência, não estamos usando essa palavra como um adjetivo. Não estamos nos referindo à consciência do corpo ou à consciência ecológica, mas a própria Consciência do Ser.**

Hastāmalaka está tentando desvendar essa consciência através destes claros exemplos. A luz que revela a luz física, então, é *jyotirjyotḥ*, a luz da consciência. Essa luz da consciência, então, é intrínseca ao Ser. Ela é ilimitada. Não está condicionada pelo tempo nem pelo espaço. Ela está em todos os lugares simultaneamente, é onipresente.

O universo em expansão é permeado pela consciência. Ela está nas galáxias, no espaço entre elas, assim como nos átomos e nos espaços entre eles. O mundo inteiro

é pura consciência. Você não pode tocar uma onda sem tocar água, pois a onda é feita de água, assim como o mundo e os objetos são feitos de consciência. Você não pode tocar um objeto sem tocar a consciência.

Śloka 11

यथा सूर्य एकोऽप्स्वनेकश्चलासु स्थिरास्वप्यनन्यद्विभाव्यस्वरूपः ।
चलासु प्रभिन्नः सुधीष्वेकम एव स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ ११ ॥
yathā sūrya eko'psvanekaścalāsu
sthirāsvapyananyadvibhāvyasvarūpaḥ |
calāsu prabhīnnāsu dhīṣvekam eva
sa nityopalabdhisvarūpo'hamātmā || 11 ||

O único Sol parece ser muitos ao se refletir em diferentes corpos de água. Ele permanece imóvel, mesmo quando as águas se movem. Similarmente o Ser, embora refletido em distintas mentes sempre mutáveis, permanece constantemente o mesmo, intocado pelas mudanças. Eu sou esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada. 11.

yathā ekaḥ sūryaḥ = assim como o sol, que é único; *calāsu apsu anekaḥ* = refletido na superfície da água em movimento parece ser vários (sóis que se movem); *sthirāsu api ananyad vibhāvyā svārūpaḥ* = (e) refletido em água quieta parece ser firme; *evaṁ ekaḥ calāsu prabhinnāsu dhīṣu* = similarmente, em várias psiquês diferentes o Uno (*i.e.*, Ātma, parece ser vários); *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svārūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

Comentário da estrofe 11

Esse fenômeno do reflexo do Sol na água chama-se superimposição, *upādhi*. Usando a compreensão, podemos classificar as diferentes cognições em existentes, não-existentes e falsas. O quadrado existe. O círculo existe, mas o círculo quadrado não existe. Aquilo que você não pode nomear, você considera como não existente.

Às vezes, usamos compostos para designar objetos, reais, falsos ou imaginários (rosa = verdadeiro; amarelo = verdadeiro; rosa amarela = verdadeira). Quando você observa que certos objetos não existem juntos, com no caso do coelho com chifres, você deduz que essa combinação não existe (coelho = verdadeiro; chifre =

verdadeiro, coelho com chifres = falso). O não-existente chama-se em sânscrito *tuccham*.

Às vezes, tomamos uma pessoa como se fosse outra. Às vezes, uma pessoa é tomada como se fosse outra, não pela semelhança física, mas pelas atitudes, conduta ou valores; isso nos resulta familiar, e assim nos confundimos.

Isso chama-se *śobhanādhāyasa*, literalmente, ver o que não está aí. Isso é uma falsa atribuição, algo que poderia considerar-se, usando a linguagem da psicologia, uma transferência. Isto acontece, por exemplo, quando o marido fala para a esposa “você é igual à sua mãe”.

Quando você olha um pote, não precisa ver mais nada. Ele é independente dos demais objetos. Você vê vários potes, dualidade, diversidade. Muitos. Cada um é diferente dos demais. Contudo, quando olho para um pote, sempre vejo a substância da qual ele é feito. Vejo a argila. Tente ver o pote sem olhar para a argila. Use sua imaginação e procure visualizar argila, aço, prata.

Quando você pensa num pote, precisa necessariamente pensar numa substância com a qual o pote seja feita. Por que, o pote, assim como qualquer objeto, depende de uma substância para existir. O pote não existe sem a argila. Desde o ponto de vista dela, contudo, o pote não existe. A argila não conhece a si mesma como pote, mas como pura argila. A argila não vê o pote. Ela se conhece como argila.

Usemos o sânscrito: falso = *asat*; verdadeiro = *sat*; não existente = *tuccham*. O *saṃsāri* é aquele que não vê a argila e vê o pote como se fosse verdadeiro. Mas o que é *sat*? Um pote sem peso é não existente, *tuccham*.

Para existir como pote, ele precisa ter peso. Não há pote sem peso. O peso, então, é inerente à argila. Aquilo que não é *sat*, é *asat* ou *tuccham*. O que não é verdadeiro é necessariamente falso ou não-existente.

Contudo, não podemos dizer que o pote, por ser feito de argila, seja falso. Tampouco, de maneira alguma, podemos afirmar que ele seja não existente. O pote, não é verdadeiro, não é falso, não é não existente: não é nem *sat*, nem *asat*, nem *tuccham*.

Porém, não podemos considerar que o pote seja uma “ilusão”. Dentre outras coisas, por que o pote cumpre muito bem a função de segurar a água. Ele tem um lugar na ordem das coisas. Ele tem uma utilidade, que é guardar água.

O pote é argila. Todo pote é feito de argila. Não existe pote sem argila. Você pode contar os potes, mas não pode contar a argila. Quantas argilas compõem os diferentes potes? Uma só. Portanto, a natureza do pote é a argila. A verdade do pote é a argila.

Só existe uma verdade, uma *substância*, e ela é o Ser. Ela não está separada, não é diferente da criação. O que nos vemos é Ser. Não podemos tirar o Ser da criação, sem remover a criação junto com ele. Diariamente, lidamos no cotidiano com algum tipo de confusão envolvendo essa superimposição da forma sobre a essência.

Quando digo pote, um significado surge em sua mente. Quando você ouve a palavra pote, uma imagem aparece em sua mente, com uma forma determinada, feito de uma certa substância, seja argila, cobre ou prata. Você nunca poderá visualizar um pote separado da substância com a qual ele é feita.

A argila é molécula. A molécula, por sua vez, é átomo. O átomo é partícula. A partícula não é *satyam*, mas outro objeto da sua cognição. E, o que constrói essa cognição, é a consciência. E qual é a verdade, então, da argila? Pura consciência. Qual é a verdade do pote? A pura consciência.

Através deste exemplo, podemos compreender, então, a maneira em que acontece a superimposição das formas sobre o Ser. Assim, o menino diz nesta estrofe: “o Ser, embora refletido em distintas mentes sempre mutantes, permanece sempre o mesmo, intocado por essas mudanças”. Tudo é consciência.

Qual é a verdade que está em todas as palavras? A consciência é. No sonho, seu conhecimento das montanhas é as montanhas. Seu conhecimento do céu é o céu. Seu conhecimento das nuvens é nuvens. Īśvara é consciência ilimitada, mais conhecimento ilimitado. Tudo é conhecimento. Portanto, é preciso obtermos esse conhecimento sobre aquilo que somos. É por isso que o Ser, dizem as Upanishads, precisa ser conhecido.

Eu sou o não-dual, diz o menino. O não-dual é aquele que não é dividido, que não é condicionado, que não se envolve. Mas isso não significa que haja distância. Tampouco há uma *parceria* entre Ātma e *anātma*. Porém, Ātma está presente em todos os momentos e em todos os lugares, na forma da presença intrínseca da consciência.

A dualidade existe na criação, na forma dos diferentes desejos e aversões, *rāgas* e *dveśas* das pessoas. Você pode ter desejo de ter um certo carro e ficar feliz quando o compra. A pessoa que lhe vende o carro pode ficar ainda mais feliz, por que se livrou dos problemas do carro. Ambos estão felizes (até você perder a felicidade quando verificar o estado da suspensão e o motor). Mas a consciência que permeia dualidade, que permeia o comprador e o vendedor, é sempre a mesma, não-dual.

O Sol que se reflete em diversas superfícies de água, parece tornar-se muitos, embora permaneça o mesmo e único. Em alguns destes recipientes, a água está em movimento, noutros, ela está imóvel. O Sol parece imóvel no reflexo nas

águas quietas, e parece mover-se quando as águas se movem. No entanto, só há um único Sol, e ele permanece sempre imóvel.

Então, quando dizemos que o Ser não é *afetado* pela dualidade, quando dizemos que ele não é condicionado, estamos apontando para esse tipo de separação que existe entre o Sol e seus reflexos. A presença intrínseca do Ser está na criação, assim como o Sol está em seus diferentes reflexos. Resumindo, podemos dizer que o Sol está em seus reflexos, mas que os reflexos não são o Sol. Os reflexos do Sol não afetam o Sol. As experiências do *jīva* não afetam *Ātma*. As experiências de *mithyāḥ* não afetam *satyam*.

Śloka 12

घनच्छन्नदृष्टिर्घनच्छन्नमर्कम् यथा निष्प्रभं मन्यते चातिमूढः ।
तथा बद्धवद्भाति यो मूढदृष्टेः स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ १२ ॥
ghanacchannadr̥ṣṭirghanacchannamarkaṁ
yathā niṣprabhaṁ manyate cātimūḍhaḥ |
tathā baddhavadbhāti yo mūḍhadṛṣṭeḥ
sa nityopalabdhisvarūpo’hamātmā || 12 ||

Assim como o tolo acredita que o Sol perde o brilho quando é escurecido pelas nuvens, da mesma forma, aquele que é enganado pela ignorância acredita que o Ser é condicionado. Eu sou esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada. 12.

yathā ca atimūḍhaḥ = assim como uma pessoa ignorante de si mesma;
ghanaḥ channa dr̥ṣuḥ = cuja visão é obstruída ou ofuscada pelas nuvens;
ghanaḥ channam arkaṁ niṣprabhaṁ manyate = pensa que o sol foi apagado pelas nuvens e perdeu seu brilho; *tathā* = da mesma maneira; *yaḥ mūḍha dr̥ṣṭeḥ baddhavad bhāti* = aquilo que parece ser condicionado para a pessoa com uma visão equivocada; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo’ham ātmā* = sou da natureza de *Ātma*.

Comentário da estrofe 12

Īśvara é o Ser, manifestado na forma da criação. Que possamos ver Īśvara em todo o que conhecemos, o que está ao alcance dos nossos sentidos, e o que não está, na criação por inteiro. Eu recebo tudo de Īśvara. Não crio nem destruo nada. O corpo foi dado para mim. A liberdade é dada, a mente é dada, a inteligência é dada. *Māyā* é a manifestação do conhecimento absoluto de Īśvara.

No fim do presente ciclo cósmico, essa manifestação que é *māyā*, dissolve-se de volta na não manifestação, *pralāyā*. Só há uma plenitude, um *pūrṇam*. Só há uma consciência ilimitada. Só há um conhecimento ilimitado. Consciência ilimitada = conhecimento ilimitado; consciência limitada = conhecimento limitado. Isso, resumindo, significa que Īśvara não pode estar muito longe de você. Aliás, não há distância entre Īśvara e você.

Uma pessoa desavisada e sem experiência, pode acreditar que o Sol desapareceu, quando é encoberto por uma nuvem. Isso pode lhe produzir uma série de emoções, positivas ou não, mas não significa que o Sol tenha se apagado. Para sair dessa crença, precisamos nos abstrair da visão míope daquele que está totalmente identificado com as questões do próprio corpo, da mente ou do ego.

Às vezes somos como a criança que se perde da mãe na feira. Ela fica triste e assustada, mas no momento em que vê de volta a mãe, a tristeza e o medo desaparecem. A mãe é como Īśvara para o menino.

Ele vive totalmente entregue e confiante nela. Naturalmente, quando ele a perde de vista, a insegurança surge. Quando a encontra novamente, quando percebe que em verdade ela nunca esteve longe, nunca se afastou, ele relaxa.

Você não pode se separar de Īśvara. Īśvara não pode ser tirado de você. O Ser está presente em todas as emoções, até mesmo o sentimento de alienação. Precisamos lembrar-nos disso no momento em que a emoção estiver se manifestando, para neutralizá-la.

Nenhuma emoção deveria nos custar a plenitude. É uma questão de lembrarmos que toda e qualquer emoção é manifestação de Īśvara. Medo, raiva, tristeza, fazem parte da ordem emocional de Īśvara. Assim, não preciso negar estas emoções, mas abraçá-las, dar-lhes as boas-vindas como suas manifestações, e permitir que elas se desintegrem, lembrando que eu sou plenitude.

Vivendo inteligentemente, você faz o que tem que fazer, cumpre seu *dharma* e permanece em paz e felicidade. Quanto maior o esforço, maior o resultado. Īśvara é a forma do *dharma*, Īśvara é a forma do *karma*.

Toda experiência é experiência de Īśvara. Sabendo disso, cessamos de tentar achar Īśvara em alguma experiência especial. Paramos de buscar alguma experiência fantasiosa na qual, por arte de mágica, se terminem nossos problemas.

A confiança total é possível, e vem junto com a compreensão da infalibilidade de Īśvara. Tudo está incluído em sua ordem. Você pode, portanto, permitir que Īśvara seja. Entregue-se, e permita que Īśvara seja. Deixe de se centrar tanto em si mesmo,

de se preocupar tanto consigo próprio, mesmo que seja com a sua prática ou com o autoconhecimento.

Abra mão da ânsia pelo controle. Seja consciente da presença de Īśvara, na forma da ordem, das diversas ordens, que são infalíveis. Aliás, é por isso que elas são chamadas ordens: por que são infalíveis.

As pessoas que estão em contato entre si, que se relacionam de perto, influenciam mutuamente umas às outras. A consciência é *colorida* pelos pensamentos ou emoções da mente, assim como o cristal assume a cor do pano onde se apóia.

Essa *coloração* do Ser é um fato. Porém, ele não é influenciado pelos pensamentos ou emoções. Sempre permanece puro, sem sofrer nenhum tipo de influência ou condicionamento, assim como a lama não gruda na superfície das pétalas do lótus. Ver algo diferente disso, diz o garoto, é uma expressão da ignorância existencial.

Há muitas palavras que se usam em sânscrito para apontar para essa pureza do Ser, como *nirañjan*, *śuddha* e outras, que têm uma conotação de pureza. Não obstante, o Ser, Ātma, não precisa ser *purificado*, como ficou claro nesta explanação.

A diferença entre percepção e conhecimento é óbvia. A conclusão de que o Sol sai, é errada, se formos nos guiar somente pela percepção, como aconteceu durante a Idade Média.

Confiar exclusivamente nas percepções, portanto, pode nos levar à confusão. O fato de que Ātma pareça ser o corpomente, não torna essa percepção correta, como quando se acreditava que a terra era plana, ou que o Sol girava em torno dela.

Qual é a diferença entre o sábio e o tolo, existencialmente falando? Ambos tem fome, ambos sentem sede, ambos dormem, acordam, se vestem, trabalha. Qual é a diferença, então? A diferença não está nas ações ou responsabilidades, elas são as mesmas para todos. Janaka, o rei sábio, cumpria suas funções apesar de ser um *yogi*.

Então, o que muda na pessoa com *mokṣa*? O que muda é a visão que a pessoa tem da vida e dela mesma. Muda que as confusões gnosiológicas são resolvidas e, com isso, ganha-se paz, tranquilidade, felicidade e plenitude, bem como aumenta a capacidade de ajudar os demais.

No aprendizado do sânscrito, para dar um exemplo de como se constroem os compostos, menciona-se o *dr̥ṣṭasamudra*, aquele que viu o oceano. O ensinamento dava-se no interior, nas montanhas do Himalaia, e muito pouca gente do interior tinha visto o mar. O sânscrito é muito descritivo.

Esses compostos não somente nomeiam ou qualificam, mas também descrevem e, numa certa medida, até contam a história da pessoa. Aqui, Hastāmalaka usa um composto desse tipo: ele constrói e emprega uma única palavra para dizer que a

nuvem que cobre o olhar da pessoa, também cobre o brilho do Sol. Essa palavra é *ghanacchannadr̥ṣṭirghanacchannamarkam*.

O exemplo do tolo que acha que o Sol se perdeu, é bem gráfico. Com que luz, então, o tolo enxerga as nuvens? Com a própria luz do Sol, obviamente. Então, o Sol não é encoberto pelas nuvens. O que as nuvens encobrem mesmo é a inteligência da pessoa que olha e julga desatentamente.

A razão pela qual, durante o final da *pūjā*, se apagam as luzes no *sanctum sanctorum*, na nave central do templo onde fica a deidade, é que lá sempre tem uma lamparina de óleo acesa, que representa a luz dos Śāstras, a luz do conhecimento. *Gurukal*, uma palavra que se usa para designar o sacerdote oficiante da *pūjā*, significa aquele que mostra a luz.

Ātma *bhāti*: o Ser brilha. O brilho pertence ao Ser. O Ser é auto-evidente. O problema é que eu brilho sim, mas muitas vezes através das minhas limitações. É por isso que a ignorância existencial precisa ser removida. Porém, a resposta da criança não termina aqui. Ele ainda irá completá-la em mais duas estrofes.

Śloka 13

समस्तेषु वस्तुष्वनुस्यूतमेकं समस्तानि वस्तूनि यन्न स्पृशन्ति ।
वियद्वत्सदा शुद्धमच्छस्वरूपं स नित्योपलब्धिस्वरूपोऽहमात्मा ॥ १३ ॥
samasteṣu vastuṣvanusyūtamekaṁ
samastāni vastūni yaṁ na spr̥śanti |
viyadvat sadā śuddhamacchasvarūpaḥ
sa nityopalabdhisvarūpo'hamātmā || 13 ||

O Ser que permeia o universo, a quem nada pode atingir, que é sempre puro como o espaço, que é livre das impurezas [do apego e a aversão], esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada, sou eu. 13.

ekaṁ = o Uno (Ātma); *samasteṣu vastuṣu anusyūtam* = aquele que “permeia”, que está presente em todos e cada um dos objetos do universo; *yaṁ samastāni vastūni na spr̥śanti* = por nada pode ser tocado; *viyadvat* = como o espaço; *sadā śuddham* = é sempre puro; *accha svarūpaḥ* = e de natureza pura, impoluta; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

Comentário da estrofe 13

Spr̥śanti é impureza, defeito, mancha, irregularidade. Vem de *sparśa*, palavra que significa defeito. *Naḥ spr̥śanti* quer dizer sem defeito. Aqui, a criança diz que Ātma não é tocado, não é atingido pelas manchas do desejo ou a rejeição. *Samastāni vastūni*, o espaço em sua totalidade.

O Ser é aquele cuja natureza (*svarūpa*) é *accha*, sempre pura, clara. *Accha* significa claro, puro. Ele também compara o Ser ao espaço, que não é tocado pelas impurezas que possam surgir nos demais elementos. Conclui a estrofe repetindo por última vez o adágio *sa nityobalabdhi*: eu sou esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada.

Śloka 14

उपाधौ यथा भेदता सम्मणीनां तथा भेदता बुद्धिभेदेषु तेऽपि ।
यथा चन्द्रिकाणां जले चञ्चलत्वं तथा चञ्चलत्वं तवापीह विष्णो ॥ १४ ॥
upādhau yathā bhedatā sanmaṇīnām
tathā bhedatā buddhi bhedeṣu te'pi |
yathā candrikāṇām jale cañcalatvaṁ
tathā cañcalatvaṁ tavāpīha viṣṇuḥ || 14 ||

Assim como, em presença dos objetos, o claro cristal parece ter cores diferentes, igualmente, você, ó Viṣṇu, aparenta ser distinto em presença das diferentes mentes. Assim como a lua parece mover-se nos reflexos na água, similarmente, você aparenta movimentar-se aqui (no mundo). 14.

viṣṇuḥ = ó Viṣṇu!; *yathā sanmaṇīnām upādhau bhedatā* = assim como a diferença entre o brilho dos cristais é devida às diferentes superfícies nas quais eles se apoiam; *tathā te api buddhibhedeṣu bhedatā* = da mesma maneira, para você, a diferença (aparente) é devida às diversas psiquês; *yathā* = assim como; *candrikāṇām jale cañcalatvaṁ* = a lua aparenta mover-se (quando se reflete) em água em movimento; *iha tava api cañcalatvaṁ* = aqui (no mundo), essa parece ser a sua mutável aparência.

Comentário da estrofe 14

O exemplo que o menino Hastāmalaka dá neste último *śloka* é diferente daquele que foi dado antes sobre a identidade entre os múltiplos reflexos do sol em diversos corpos de água. Aqui, ele compara o movimento do reflexo da lua com as atividades que realizamos. Embora a lua permaneça quieta no céu, a agitação da água pode dar a impressão de que ela se move.

Similarmente, atribuímos com frequência ao Ser os movimentos e ações, que acontecem por causa da presença dos *guṇas*, as forças da natureza. O Ser não age, como já explicamos anteriormente. O cristal retém sua natureza essencial, mesmo ao refletir as diversas cores dos objetos próximos a ele. O conhecimento está tão claro para o menino como se ele estivesse olhando uma fruta na palma da própria mão.

॥ इति श्रीहस्तामलकाचार्यरचितं हस्तामलकसंवादस्तोत्रं सम्पूर्णम् ॥

॥ iti śrīhastāmalakācāryaracitaṁ

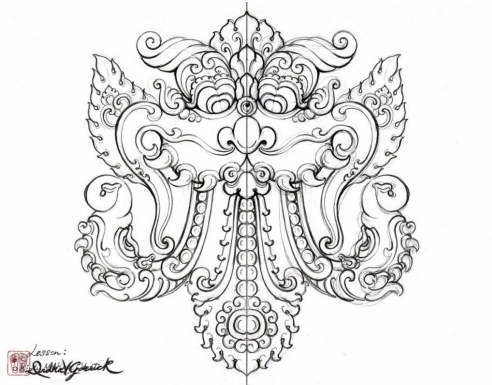
hastāmalakasaṁvādastotraṁ sampūrṇam ॥

Aqui completa-se o colóquio chamado

Hastāmalaka Saṁvāda Stotraṁ,

de autoria de Śrī Hastāmalakācārya.

Oṁ tat sat.





O Stotram, para recitar e meditar

Ouça o Stotram aqui

Guru Vandanam

om sadaśiva samarambham śaṅkarācārya madhyaman |
asmadācārya paryantām vande guru paramparām ||

śruti smriti purāṇanam alayam karuṇalayam |
namami bhagavatpāda śaṅkaram loka śaṅkaram ||

śaṅkaram śaṅkarācāryam keśavam badarayanam |
sūtrabhāṣyakṛtau vande bhagavantau punaḥ punaḥ ||

śrī śaṅkarācārya uvāca |
kastvaṁ śiśo kasya kuto'si gantā
kim nāma te tvam kuta āgato'si |
etan mayoktaṁ vada cārbhaka tvam
matprītaye prītivi vardhanosi || 1 ||

hastāmalaka uvāca |
nā'ham manuṣyo na ca deva yakṣau
nā brāhmaṇa kṣatriya vaiśya śudrāḥ |
na brahmacārī na grhī na vanasthaḥ
bhikṣurna cāham nijabodharūpaḥ || 2 ||

nimitaṁ manaścakṣurādi pravṛttau
nirastākhilo padhir ākāśa kalpaḥ |
ravir lokaceṣṭā nimitaṁ yathā yaḥ
sa nityo palabdhi svarūpo'ham ātmā || 3 ||

yam agnyuṣṇavan nitya bodha svarūpaṁ
manaścakṣurā dīnya bodhātma kāni |
pravartanta āśritya niṣkampam ekam
sa nityo palabdhi svarūpo'ham ātmā || 4 ||

mukhābhāsako darpaṇe dr̥ṣyamāno
mukhatvāt pr̥thaktvena naivāsti vastu |
cidā bhāsako dhīṣu jīvo'pi tadvat
sa nityo palabdhi svarūpo'ham ātmā || 5 ||

yathā darpaṇābhāva ābhāsahānau
mukhaṁ vidyate kalpanāhīnam ekam |
tathā dhīvi yoge nirābhāsako yaḥ
sa nityo palabdhi svarūpo'ham ātmā || 6 ||

manaścakṣurādervi yuktaḥ svayam yo
manaścakṣurāder manaścakṣurādiḥ |
manaścakṣurāder agamya svarūpaḥ
sa nityo palabdhi svarūpo'ham ātmā || 7 ||

ya eko vibhāti svataḥ śuddhacetāḥ
prakāśa svarūpo'pi nāneva dhīṣu |
śarāvodakastho yatha bhānurekaḥ
sa nityo palabdhi svarūpo'ham ātmā || 8 ||

yathā'nekacakṣuḥ prakāśo ravirna
krameṇa prakāśī karoti prakāśyam |
anekā dhiyo yastatha ikaḥ prabodhaḥ
sa nityo palabdhi svarūpo'ham ātmā || 9 ||

vivasvatprabhātaṁ yathā rūpamakṣaṁ
pragr̥hṇāti nābhātam evaṁ vivasvān |
yadābhāta ābhāsayatya akṣam ekaḥ
sa nityo palabdhi svarūpo'ham ātmā || 10 ||

yathā sūrya eko'psvanekaś calāsu
sthirā svapy ananya dvibhāvya svarūpaḥ |
calāsu prabhīnnāsu dhīṣvekam eva
sa nityo palabdhi svarūpo'ham ātmā || 11 ||

ghanacchanna dṛṣṭir ghanacchannam arkaṁ
yathā niṣprabhaṁ manyate cāti mūḍhaḥ |
tathā baddha vadbhāti yo mūḍha dṛṣṭeḥ
sa nityo palabdhi svarūpo'ham ātmā || 12 ||

samasteṣu vastuṣvanusyūtam ekaṁ
samastāni vastūni yaṁ na sprśanti |
viyadvat sadā śuddham accha svarūpaḥ
sa nityo palabdhi svarūpo'ham ātmā || 13 ||

upādhau yathā bhedaṭā sanmaṇīnām
tathā bhedaṭā buddhi bhedeṣu te'pi |
yathā candrikāṇām jale cañcalatvaṁ
tathā cañcalatvaṁ tavāpīha viṣṇuḥ || 14 ||





Significado das Palavras do Stotram

|| 1 ||

śrī śaṅkarācārya uvāca = Śrī Śaṅkarācārya disse; *kastvaṁ* = quem é você?; *he śiśo* = ó criança?; *kasya* = de quem [você é filho]?; *kuto'si gantā* = para onde você vai?; *kiṁ nāma te* = como é o seu nome?; *tvam kuta āgato'si* = donde você vem?; *etan mayoktaṁ vada* = por favor, responda à minha questão; *he arbhaka* = ó jovem!; *tvam matprītaye prītivivardhanosi* = pois você parece amoroso.

|| 2 ||

hastāmalaka uvāca = Hastāmalaka disse; *nā'ham manuṣyaḥ* = não sou humano; *na ca deva* = nem *deva* (deus ou força elemental da natureza); *yakṣaḥ* = anjo ou demônio; *nā brāhmaṇa* = nem sacerdote; *kṣatriya* = guerreiro; *vaiśya* = comerciante; *śūdrāḥ* = artesão; *na brahmacārī* = nem estudante; *na gṛhī* = nem homem de família; *na vanasthaḥ* = nem aposentado; *bhikṣurna ca* = tampouco sou um renunciante; *aham nijabodharūpaḥ* = minha natureza é *bodha*, Consciência.

|| 3 ||

nimitaṁ = causa, motivo; *manaḥ* = mente; *cakṣuḥ* = olhar; *ādi* = e demais; *pravṛttau* = funcionamento; *nirastākhilāḥ upadhiḥ* = aquilo que é completamente (*akhilāḥ*) desprovido (*nirasta*) de *upādhis* (projeções ou associações limitantes); *ākāśa kalpaḥ* = que é como o espaço; *raviḥ* = o sol; *loka* = a terra, o mundo; *ceṣṭānimitaṁ* = é a causa das atividades; *yathā yaḥ* = certamente, de fato; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

|| 4 ||

agni uṣṇavat = assim como o calor é a natureza do fogo; *nitya bodha svarūpaṁ* = a Consciência invariável é a minha natureza; *manaḥ* = mente; *cakṣuḥ* = olhar; *ādīni* = e demais (faculdades); *abodhātmakāni* = inerte, inconsciente, sem consciência (*bodhātma* = o Ser autoconsciente); *pravartanta* = torna-se ativo; *yam āśṛitya* = aquele de quem depende; *niṣkampam* = firme, inamovível; *ekaṁ* = uno; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

|| 5 ||

darpaṇe dṛṣyamānaḥ mukhābhāsakaḥ = a imagem da face refletida num espelho; *mukhatvāt pṛthaktvena* = separada da face; *na eva vastu āsti* = que não tem existência real (separada da sua causa); *dhīṣu cit ābhāsakaḥ* = que é um reflexo da Consciência nos pensamentos; *jīvaḥ* = a individualidade, o ser encarnado num corpo; *api* = igualmente, também; *tadvat* = assim, dessa forma; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

|| 6 ||

yathā darpaṇa ābhāva = assim como quando o espelho é removido; *ābhāsa hānau* = a imagem (refletida nele) desaparece; *ekam kalpanāhīnam mukhaṁ vidyate* = apenas o rosto permanece, sem o seu reflexo; *tathā* = da mesma maneira, dessa forma; *dhī viyogo* = quando disassociado da psiquê; *yaḥ nirābhāsakaḥ* = a plena Consciência permanece, sem o seu “reflexo” (i.e., sem psiquê+corpo); *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

|| 7 ||

manaścakṣurāderviyuktaḥ = aquilo que é diferente da mente, do olhar e das demais faculdades e sentidos; *yaḥ svayam* = aquilo que é em si mesmo; *manaścakṣurādermanaścakṣurādīḥ* = e que (ao mesmo tempo) é a mente da mente, o olho do olho e a causa de todas os demais sentidos e faculdades sensoriais e psíquicas; *manaścakṣurāderagamyasvarūpaḥ* = aquilo que é inacessível à mente, ao olhar e aos demais sentidos; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

|| 8 ||

yaḥ svataḥ śuddha cetāḥ = que brilha por si mesmo e ilumina a psiquê pura (i.e., preparada); *prakāśa svarūpaḥ* = sendo autoefulgente; *ekaḥ api* = embora uno, ainda que único; *dhīṣu nānā iva vibhāti* = aparenta ser muitos e diferentes em diferentes psiquês; *yatha śarāva udakasthaḥ ekaḥ bhānuḥ* = assim como o sol, que é único, (refletido) em vários potes cheios de água (parece ser muitos sóis diferentes); *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

|| 9 ||

yathā = assim como ; *raviḥ* = o sol; *aneka cakṣuḥ prakāśaḥ* = ilumina muitos olhares; *prakāśyam krameṇa na prakāśīkaroti* = não ilumina os objetos sequencialmente, um após o outro; *tatha* = da mesma maneira; *yaḥ ekaḥ*

prabodhaḥ = aquele que é a Consciência Una; *anekāḥ dhiyaḥ* = (ilumina) muitas psiquês; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

|| 10 ||

yathā = assim como; *vivasvat prabhātam* = iluminado pelo sol; *rūpam* = um objeto; *akṣam pragṛhṇāti* = é percebido pelo olhar; *na ābhātam* = (mas não) o que não é iluminado; *evam* = similarmente; *yad ābhātaḥ* = iluminado por quem; *vivasvān* = o sol; *akṣam ābhāsayati* = ilumina o olhar; *ekaḥ* = que é uno; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

|| 11 ||

yathā ekaḥ sūryaḥ = assim como o sol, que é único; *calāsu apsu anekaḥ* = refletido na superfície da água em movimento parece ser vários (sóis que se movem); *sthirāsu api ananyad vibhāvya svārūpaḥ* = (e) refletido em água quieta parece ser firme; *evam ekaḥ calāsu prabhinnāsu dhīṣu* = similarmente, em várias psiquês diferentes o Uno (i.e., Ātma, parece ser vários); *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

|| 12 ||

yathā ca atimūḍhaḥ = assim como uma pessoa ignorante de si mesma; *ghanaḥ channa dr̥ṣuḥ* = cuja visão é obstruída ou ofuscada pelas nuvens; *ghanaḥ channam arkaṁ niṣprabham manyate* = pensa que o sol foi apagado pelas nuvens e perdeu seu brilho; *tathā* = da mesma maneira; *yaḥ mūḍha dr̥ṣteḥ baddhavat bhāti* = aquilo que parece ser condicionado para a pessoa com uma visão equivocada; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

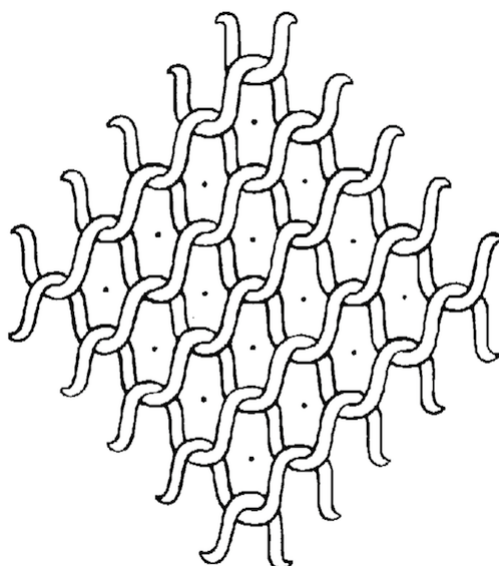
|| 13 ||

ekaṁ = o Uno (Ātma); *samasteṣu vastuṣu anusyūtam* = aquele que “permeia”, que está presente em todos e cada um dos objetos do universo; *yam samastāni vastūni na spr̥śanti* = por nada pode ser tocado; *viyad vat* = como o espaço; *sadā śuddham* = é sempre puro; *accha svarūpaḥ* = e de natureza pura, impoluta; *saḥ nityaḥ* = esse eterno; *upalabdhi* = conhecimento, percepção; *svarūpo'ham ātmā* = sou da natureza de Ātma.

|| 14 ||

viṣṇuḥ = ó Viṣṇu!; *yathā sanmañīnām upādhau bhedaṭā* = assim como a diferença entre o brilho dos cristais é devida às diferentes superfícies nas

quais eles se apoiam; *tathā te api buddhibhedeṣu bhedaṭā* = da mesma maneira, para você, a diferença (aparente) é devida às diversas psiquês; *yathā* = assim como; *candrikāṇāṃ jale cañcalatvaṃ* = a lua aparenta mover-se (quando se reflete) em água em movimento; *iha tava api cañcalatvaṃ* = aqui, essa parece ser a sua mutável aparência.





Tradução do Stotram

Śrī Śaṅkarācārya disse:

Ó criança! Quem é você? De quem você é filho? Onde você vem? Qual é seu nome? Para onde você vai? Por favor, ó jovem, responda às minhas questões, pelo afeto e crescente apreço que sinto [por você]. 1.

Hastāmalaka disse:

Eu não sou humano, nem força da natureza, nem ser celestial.

Não sou brāmane nem guerreiro, nem comerciante nem artesão.

Não sou estudante nem casado, nem aposentado nem renunciante.

Eu *sou* na forma de *bodha*, a Consciência. 2.

Eu sou Ātma, cuja natureza é a consciência ilimitada, e que é a causa do funcionamento da mente, do olhar e dos demais sentidos, assim como o Sol é a causa das ações dos seres na Terra. Contudo, quando não associado com os fatores limitadores [corpo, mente e sentidos], Eu, o Ser, sou como o espaço [que tudo abrange]. 3.

Eu sou o Ser, eterno e uno [não-dual], cuja natureza é Consciência invariável, assim como o calor é a natureza do fogo. É graças à Consciência que a mente, o olhar e os demais sentidos funcionam. 4.

O reflexo de um rosto num espelho não tem existência separada da face refletida. Similarmente, o *jīva*, que é reflexo do Ser na inteligência, não tem, de fato, existência independente dele. Eu sou esse Ser, que é da natureza da eterna consciência. 5.

Assim como quando o espelho é removido, o reflexo cessa de existir mas o rosto permanece, similarmente, a pura Consciência existe sem seus reflexos na ausência de *buddhi*, a inteligência. Sou esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada. 6.

Sendo o Ser livre da mente e dos órgãos sensoriais, ele é a mente da mente, o olhar do olho e demais. Sua própria natureza não pode ser alcançada pela mente nem pelos órgãos de percepção. Eu sou esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada. 7.

Aquele que é Uno, autoefulgente, brilha na pessoa de mente pura. Mesmo brilhando com luz própria, o Ser aparenta ser muitos e variados indivíduos, assim como o Sol, que é um só, aparenta ser muitos nos diversos reflexos em diferentes corpos de água. Sou esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada. 8.

Assim como o Sol *dá* luz para os olhos, sem precisar revelar os objetos para cada olhar sucessivamente [mas a todos ao mesmo tempo], da mesma forma, a consciência única não ilumina as muitas mentes uma a uma, [senão a todas simultaneamente]. Sou esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada. 9.

Assim como o olho vê claramente apenas aqueles objetos que são iluminados pelo Sol, mas não aqueles que a luz não alcança, o próprio Sol torna o olho capaz de enxergar os objetos, apenas por que ele é, por sua vez, iluminado pela luz do Ser. Eu sou esse Ser, cuja Natureza é consciência ilimitada. 10.

O único Sol parece ser muitos ao se refletir em diferentes corpos de água. Ele permanece imóvel, mesmo quando as águas se movem. Similarmente o Ser, embora refletido em distintas mentes sempre mutáveis, permanece constantemente o mesmo, intocado pelas mudanças. Eu sou esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada. 11.

Assim como o tolo acredita que o Sol perde o brilho quando é escurecido pelas nuvens, da mesma forma, aquele que é enganado pela ignorância acredita que o Ser é condicionado. Eu sou esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada. 12.

O Ser que permeia o universo, a quem nada pode atingir, que é sempre puro como o espaço, que é livre das impurezas [do apego e a aversão], esse Ser, cuja natureza é consciência ilimitada, sou eu. 13.

Assim como, em presença dos objetos, o claro cristal parece ter cores diferentes, igualmente, você, ó Viṣṇu, aparenta ser distinto em presença das diferentes mentes. Assim como a lua parece mover-se nos reflexos na água, similarmente, você aparenta movimentar-se aqui [no mundo]. 14.



Sobre o Sânscrito



Os primeiros falantes de sânscrito foram os *āryas* ou arianos, fundadores da civilização védica. Os mais antigos textos da Humanidade, chamados Vedas, datam da Idade Védica, entre o sétimo e o quarto milênio a.C. Foram transmitidos com surpreendente exatidão ao longo dos milênios por tradição oral, e transcritos durante a segunda metade do II milênio a.C.

William James, pioneiro da filologia que descobriu a origem comum das línguas indo-européias, disse em 1786: “A língua sânscrita, seja qual for a sua antiguidade, possui uma estrutura maravilhosa; mais perfeita que o grego, mais rica que o latim e mais elegantemente refinada que ambos, ela mantém ao mesmo tempo com ambas línguas, tanto no que se refere à raiz dos verbos quanto às formas gramaticais, uma afinidade mais forte que a que pudéssemos esperar quiçá por mero acidente. Tão forte que nenhum filólogo poderia analisar as três línguas sem chegar à convicção de que procedem de uma mesma fonte, que talvez já não exista.”

Ao longo da existência, essa língua evoluiu e depurou-se: *saṃskṛta* significa precisamente “refinado”, por oposição às línguas *prakṛtas*, “naturais” ou vernáculas. Assimilou todavia influências de linguagens dravídicas e austro-asiáticas como o *munda* (da mesma família que as línguas Mon-Khmer, da Ásia Oriental), do qual herdou, entre muitas outras, as palavras *liṅgam*, *pūjā* e *mayūra*.

Trata-se de uma língua sagrada que sempre foi usada para transmitir a Visão do Ilimitado nas diversas tradições da Índia. Isto cria uma série de dificuldades em relação à interpretação do sentido de muitas expressões que não possuem uma tradução direta nem precisa em línguas ocidentais.

Com o surgimento da escrita *nāgarī*, o sânscrito passou a ser usado para redigir tratados sobre ritual, filosofia, gramática, astronomia, legislação, etc. O sânscrito clássico, vigente na Idade de Ouro, diferencia-se do mais antigo, usado no Período Védico. Pāṇini, o grande gramático do século VI a.C., deu as bases para essa transformação da língua na sua obra *Aṣṭādhyāyī* (“Oito Capítulos”), que define as 3959 regras da morfologia sânscrita.



Guia Fonético

O sânscrito consta de quatorze vogais e trinta e três consoantes, o que o torna um tanto hermético para os não iniciados: as nuances de pronúncia chegam a ser imperceptíveis aos ouvidos desabitoados. Consequentemente, muitos dos seus sons são irreproduzíveis em outros idiomas.

Não possui acentuação marcada ou forte, mas apenas uma sucessão de sílabas curtas e longas, com inflexões tônicas e musicais. O traço horizontal (macron) sobre a vogal implica alongamento. A pronúncia figurada é dada abaixo, segundo a ordem do alfabeto sânscrito (ou melhor, silabário).

Os termos sânscritos que aparecem nestes textos foram transcritos da sua forma original, conforme a transliteração adotada pela Convenção de Genebra de 1949, atualizada na Convenção de Harvard-Kyoto, a fim de conseguir-se a pronúncia figurada mais aproximada possível dos sons originais do sânscrito.





Varṇamālā, o Alfabeto

Akṣarāṇi: as Letras



I — *Ghoṣaḥ*: Vogais e Ditongos

अ	a	aberta, curta, como em <i>tatu</i> (<i>pūrṇa</i>);
आ	ā	aberta, longa, como em <i>arte</i> (<i>prāṇa</i>);
इ	i	curta, como em <i>ideia</i> (<i>Śiva</i>);
ई	ī	longa, como em <i>ali</i> (<i>nāḍī</i>);
उ	u	como em <i>união</i> (<i>udāṇa</i>);
ऊ	ū	longa, como em <i>açude</i> (<i>kūmbhaka</i>);
ऋ	ṛ	pronuncia-se como em <i>marinho</i> (<i>ṛṣi</i>).
ॠ	ṝ	pronuncia-se como em <i>marítimo</i> (<i>ṛkāra</i>);
ऌ	ḷ	como em inglês, <i>revelry</i> (<i>ḷtaka</i>);
ॡ	ḹ	como em inglês, <i>revelry</i> , mas prolongado (<i>ḷkāra</i>);
ए	e	fechado, como em <i>dedo</i> (<i>asteya</i>);
ऐ	ai	ditongo, como em <i>vai</i> (<i>kaivalya</i>);
ओ	o	fechado, como em <i>iodo</i> (<i>Yoga</i>);
औ	au	ditongo, como em <i>pauta</i> (<i>nauli</i>);

II — *Vyañjanah*, Consoantes

1) *Kaṇṭhyah*, Guturais ou Velares

क	ka	como em <i>Karina</i> (<i>karma</i>);
ख	kha	aspirada, como em inglês, <i>broke-heart</i> (<i>Sāṅkhya</i>);
ग	ga	gutural, como em <i>guirlanda</i> (<i>Gītā</i>);
घ	gha	aspirada, como em inglês, <i>big-house</i> (<i>Gheraṇḍa</i>);
ङ	ṅa	nasalizando a vogal precedente (<i>aṅga</i>);

2) *Tālāvyah*, Palatais

च	ca	pronuncia-se como em <i>tchê</i> (<i>cakra</i>);
छ	cha	também como em <i>tchê</i> , porém aspirado (<i>mūrcchā</i>);
ज	ja	palatal, pronuncia-se como em <i>Djalma</i> (<i>japa</i>);
झ	jha	palatal, como em inglês, <i>hedgehog</i> (<i>jhalī</i>);
ञ	ña	antes ou depois de consoantes palatais, como em <i>senha</i> (<i>jñāna</i>);

3) *Mūrdhanyah*, Cerebrais ou Retroflexas

ट	ṭa	com a língua no palato, como em inglês, <i>true</i> (<i>Aṣṭāṅga</i>);
ठ	ṭha	dental aspirada, como em inglês, <i>lighthouse</i> (<i>Haṭha</i>);
ड	ḍa	com a língua no palato, como em inglês, <i>drum</i> (<i>daṇḍa</i>);
ढ	ḍha	com a língua no palato, como em inglês, <i>redhaired</i> (<i>ḍhanura</i>);
ण	ṇa	como em inglês, <i>done</i> (<i>prāṇa</i>);

4) *Dantyah*, Dentais

त	ta	com a língua na raiz dos dentes, como em terra (<i>Tantra</i>);
थ	tha	com a língua na raiz dos dentes, como em inglês, <i>foot-hook</i> (<i>sthiraṁ</i>);
द	da	dental, como em <i>dilúvio</i> (<i>dasanāmi</i>);
ध	dha	dental, como em inglês, <i>bloodhorse</i> (<i>dhāraṇā</i>);
न	na	dental, como em <i>nota</i> (<i>ānanda</i>);

5) *Oṣṭhyah*, Labiais

प	pa	labial, como em posto (<i>pūrvaka</i>);
फ	pha	labial aspirada, como em inglês, <i>top-half</i> (<i>phāla</i>);
ब	ba	labial, como em <i>bomba</i> (<i>bandha</i>);
भ	bha	aspirada, como no inglês, <i>nib-head</i> (<i>bhūta</i>);
म	ma	em início de palavra ou após vogal tem som bilabial, como em <i>mãe</i> (<i>mantra</i>); entre consoantes, é nasalizada, como em <i>também</i> (<i>saṁskāra</i>);

6) *Antasthah*, Semi-Vogais

य	ya	é semivogal: pronuncia-se como o i em <i>viola</i> (<i>Yoga</i>);
र	ra	sempre como se estivesse no meio da palavra, como em <i>vidro</i> (<i>rāja</i>);
ल	la	como em <i>iluminar</i> (<i>kuṇḍaliṇī</i>);

व va em início de palavra ou após uma vogal, pronuncia-se como em *volta* (*vāsaṇā*); após uma consoante, pronuncia-se igual ao *w* de *narrow*, em inglês (*tattva*);

7) *Ūṣman*, Sibilantes

श śa tem o som de *sh*, como em *Sheila* (Śiva);
ष ṣa tem o som de *sh*, como em *bush* (Kṛṣṇa);
स sa tem o som de *ss*, como em *passo* (*āsana*);
ह ha sempre aspirado, como em *happy* (*anāhata*).
z, q e f não existem em sânscrito.





Bibliografia de Estudo

Esta é uma sugestão de leituras para continuar o *svadhyāya* através do Yoga, do Tantra e do Vedānta. Porém, cabe lembrar que nem o Yoga, nem o Tantra, nem o Vedānta, podem ser compreendidos apenas lendo livros. O texto escrito tem como único propósito relembrar aquilo que foi estudado e praticado na sala de aula, em presença de um professor. O papel do *acārya* é fundamental nesse contexto, uma vez que a palavra é usada de uma maneira muito cuidadosa e o ensinamento sobre o Ser só pode ser transmitido de boca a ouvido.

Em caso do estudante não ter a visão clara, esse uso peculiar da palavra irá escapar da sua compreensão e a possibilidade de se equivocar, entender apenas uma parte do ensinamento ou pior ainda, entender tudo ao contrário, é imensa. Se estiver interessado em aprofundar a visão do Vedānta ou a prática do Yoga, busque um professor que possa lhe ensinar e esclarecer as suas dúvidas pessoalmente.

A presença física do professor é chamada *cetana* em sânscrito e, embora em livros, vídeos ou cursos à distância, o *cetana* não esteja presente, a relembração daquilo que já aprendemos, e a motivação que sentimos ao ouvir novamente o ensinamento sim, podem nos ajudar a manter alta a inspiração, bem com a renovar e fortalecer a nossa conexão com o *paramparā* que revela a visão libertadora.

A nossa recomendação é que você, de tempos em tempos, saia da sua zona de conforto e faça uma viagem para estar em presença de um professor. É assim que tem sido há milênios, e é assim que nós fazemos, indo para a Índia todo ano para continuar o nosso processo de aprendizado com aqueles que nos inspiram.

Junto com os livros, há ainda outros materiais que podem ser usados para complementar o estudo, como gravações de áudio ou vídeo, e textos disponíveis na internet. No fim desta lista, aparecem alguns websites, em português, inglês e espanhol, onde o leitor poderá encontrar mais recursos, textos, livros, aulas, mantras e gravações para download, e muita inspiração.



Yoga

- Anônimo** (1997, traduzido para o inglês por Rām Kumar Rai): *Śiva Svārodhaya*, Prachya Prakaṣan, Varanasi.
- Bernard, Theos** (1976): *Haṭha Yoga*, Dédalo, Buenos Aires.
- Dasgupta, Surendranath** (1973): *Yoga as Philosophy and Religion*, Motilal Banarsidass, New Delhi.
- Digambarji, Swāmi** (1972): *Yogakośa*, Kaivalyadhama Samiti, Lonavla.
- Eliade, Mircéa** (1991): *El Yoga. Inmortalidad y Libertad*, FCE, México.
- Eliade, Mircéa** (1982): *Patañjali et le Yoga*, Seuil, Paris.
- Gheraṇḍa, Yogin** (1972): *Gheraṇḍa Saṁhitā*, Oriental Reprint, New Delhi.
- Gopikrishna** (1975): *The Awakening of Kuṇḍaliṇī*, Dutton, New York.
- Hermógenes, José** (1971): *Auto-perfeição com Haṭha Yoga*, Record, Rio de Janeiro.
- Hermógenes, José** (2000): *Iniciação ao Yoga*, Nova Era, Rio de Janeiro.
- Hermógenes, José** (1973): *Yoga para nervosos*, Record, São Paulo.
- Hermógenes, José** (2000): *Saúde plena: Yogaterapia*, Nova Era, São Paulo.
- Kupfer, Pedro** (1998): *Guia de Meditação*. Dharma, Florianópolis.
- Kupfer, Pedro** (2000): *Visões do Yoga*. Dharma, Florianópolis.
- Kupfer, Pedro** (2000): *Yoga Prático*. Dharma, Florianópolis.
- Iyengar, B. K. S.** (1986): *Light on Yoga*, Unwin, London.
- Iyengar, B. K. S.** (1992): *Light on Prāṇāyāma*. Aquarian, London.
- Iyengar, B. K. S.** (1996): *Light on the Yogasūtras of Patañjali*. Thorsons, London.
- Michaël, Tara** (1976): *O Yoga*, Zahar, São Paulo.
- Mookerjee, Ajit** (1982): *Kuṇḍaliṇī, the Arousal of the Inner Energy*, Thames & Hudson, London.
- Renou, Louis** (1991): *El Hinduismo*, Paidós, Barcelona.
- Sivānanada, Swāmi** (1982): *Tantra Yoga, Nāḍayoga y Kriyā Yoga*, Kier, Buenos Aires.
- Sivānanada, Swāmi** (1990): *A Ciência do Prāṇāyāma*, Pensamento, São Paulo.
- Sivānanada, Swāmi** (1998): *Yogāsanas*, Divine Life Society, Rishikesh.

- Sivānanada, Swāmi** (1994): *Japa Yoga*, Divine Life Society, Rishikesh.
- Sjoman, N. S.** (1996): *The Yoga Tradition of the Mysore Palace*, Abhinav Publications, New Delhi.
- Svātmārāma** (1991): *Hatha Yoga Pradipika*, Éditions Satyānanadashram, Paris.
- Svatmarama** (1999): *Hatha Yoga Pradipika*, Motilal Banarsidass, New Delhi.
- Svātmārāma** (1972): *The Haṭhayogapradīpikā of Svātmārāma*, Adyar Library, Madras.



Tantra

- Anônimo** (1984, tradução de Sir John Woodroffe): *Kūlarnava Tantra*, Ganesh, Madras.
- Anônimo** (1993, traduzido para o inglês por Sir John Woodroffe): *The Great Liberation (Mahānirvāṇa Tantra)*, Ganesh, Madras.
- Bhattacharya Mahodaya, S. C. V.** (1997): *Principles of Tantra* (traduzido para o inglês por Sir John Woodroffe), Ganesh, Madras.
- Dasgupta, Surendranath** (1971): *Obscure Religious Cults*, Motilal Banarsidass, New Delhi.
- Feuerstein, Georg** (1998): *Tantra, the Path to Ecstasy*, Shamballa, Boston.
- Frawley, David** (1997): *Tantric Yoga and the Wisdom Goddesses*, Motilal Banarsidass, New Delhi.
- Johari, Harish** (1997): *Tools for Tantra*, Inner Traditions, Rochester, Vermont.
- Mookerjee, Ajit** (1993): *Kālī, the Feminine Force*, Thames & Hudson, London.
- Mookerjee, Ajit** (1994): *The Art of Tantra*, Rupa, Bombay.
- Mookerjee, Ajit and Khanna, Madhu** (1977): *The Tantric Way*, Thames & Hudson, London.
- Rawson, Philip** (1990): *Tantra, the Indian Cult of Ecstasy*, Thames & Hudson, London.
- Woodroffe, Sir John**: *El Poder Serpentino*, Kier, Buenos Aires.
- Woodroffe, Sir John** (1997): *The Serpent Power*, Ganesh, Madras.
- Woodroffe, Sir John** (1994): *Śaktī and Śākta*, Ganesh, Madras.

Woodroffe, Sir John (1997): *Introduction to Tantra Śāstra*, Ganesh, Madras.



Vedānta

Arieira, Gloria (2007): *Tattvabodha, o Conhecimento da Verdade* (tradução comentada). Vidyā Mandir, Rio de Janeiro.

Arieira, Gloria (2011): *Bhagavadgītā*. Vidyā Mandir, Rio de Janeiro.

Chinmayānanada, Swāmi (2006): *Ātmabodha* (tradução comentada). Central Chinmaya Mission Trust, Mumbai.

Chinmayānanada, Swāmi (2000): *Śrī Rāmagītā* (tradução comentada). Central Chinmaya Mission Trust, Mumbai.

Dayānanada Saraswati, Swāmi (2008): *Bhagavadgītā* (tradução comentada). Arsha Vidyā Centre, Chennai.

Dayānanada Saraswati, Swāmi (2003): *Bhagavadgītā Home Study Course*. 4 Volumes (tradução comentada). Śruti Seva Trust, Anaikatti.

Dayānanada Saraswati, Swāmi (2007): *Exploring Vedānta*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.

Dayānanada Saraswati, Swāmi (2007): *Freedom*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.

Dayānanada Saraswati, Swāmi (2008): *Freedom from Helplessness*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.

Dayānanada Saraswati, Swāmi (2004): *Introduction to Vedānta*. Vision Books, New Delhi.

Dayānanada Saraswati, Swāmi (2008): *Liberdade*. Vidyā Mandir, Rio de Janeiro.

Dayānanada Saraswati, Swāmi (2007): *Living Inteligently*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.

Dayānanada Saraswati, Swāmi (2007): *Living versus Getting on*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.

Dayānanada Saraswati, Swāmi (2008): *Muṇḍakopaniṣad*. 2 Volumes (tradução comentada). Arsha Vidyā Centre, Chennai.

Dayānanada Saraswati, Swāmi (1998): *O Valor dos Valores*. Vidyā Mandir, Rio de Janeiro.

Dayānanada Saraswati, Swāmi (2008): *Surrender and Freedom*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.

- Dayānanda Saraswati, Swāmi** (2007): *The Fundamental Problem*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.
- Dayānanda Saraswati, Swāmi** (2008): *The Problem is You. The Solution is You*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.
- Dayānanda Saraswati, Swāmi** (1993): *The Sādhana and the Sādhya*. Śrī Gaṅgadharewśar Trust, Rishikesh.
- Dayānanda Saraswati, Swāmi** (2004): *The Teaching of the Bhagavadgītā*. Vision Books, New Delhi.
- Dayānanda Saraswati, Swāmi** (2007): *Vedānta 24x7*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.
- Dayānanda Saraswati, Swāmi** (1997): *Vivekacūḍāmaṇi: Talks on 108 Selected Verses*. Śrī Gaṅgadharewśar Trust, Rishikesh.
- Gambhīrānanda, Swāmi** (1997): *Chāndogya Upaniṣad, with the Commentary of Śaṅkārācārya* (tradução comentada). Advaita Ashrama, Calcutta.
- Gambhīrānanda, Swāmi** (2000): *Kaṭha Upaniṣad, with the Commentary of Śaṅkārācārya* (tradução comentada). Advaita Ashrama, Calcutta.
- Gambhīrānanda, Swāmi** (1998): *Kena Upaniṣad, with the Commentary of Śaṅkārācārya* (tradução comentada). Advaita Ashrama, Calcutta.
- Gambhīrānanda, Swāmi** (2000): *Māṇḍūkya Upaniṣad, with the Commentary of Śaṅkārācārya* (tradução comentada). Advaita Ashrama, Calcutta.
- Gambhīrānanda, Swāmi** (1998): *Praśna Upaniṣad, with the Commentary of Śaṅkārācārya* (tradução comentada). Advaita Ashrama, Calcutta.
- Menon, Vidyaratna P. N.** (1997): *Ātma Bodha of Śrī Śaṅkārācārya*. The Educational Supplies Depot, Palakkad.
- Nikhilānanda, Swāmi** (1947): *Ātmabodhaḥ* (tradução comentada). Sri Ramakṛṣṇa Math, Madras.
- Śuddhabodhānanda Saraswati, Swāmi** (1996): *Vedāntic Ways to Samādhi*. Śrī Visweswar Trust, Mumbai.
- Venugopal, D.** (2008): *Pujya Swāmi Dayānanda Saraswati: His Uniqueness in the Vedānta Sampradāya*. Śrī Sai Printers, Chennai.
- Vyāsa, Kṛṣṇadvaipayāna** (2000): *Mahabhārata*, Munshiram Manoharlal, New Delhi.





Websites de Estudo

Arsha Avinash, de N. Avinashilingam (em inglês)

Arshavidyā Gurukulam, de Swāmi Dayānanda (em inglês)

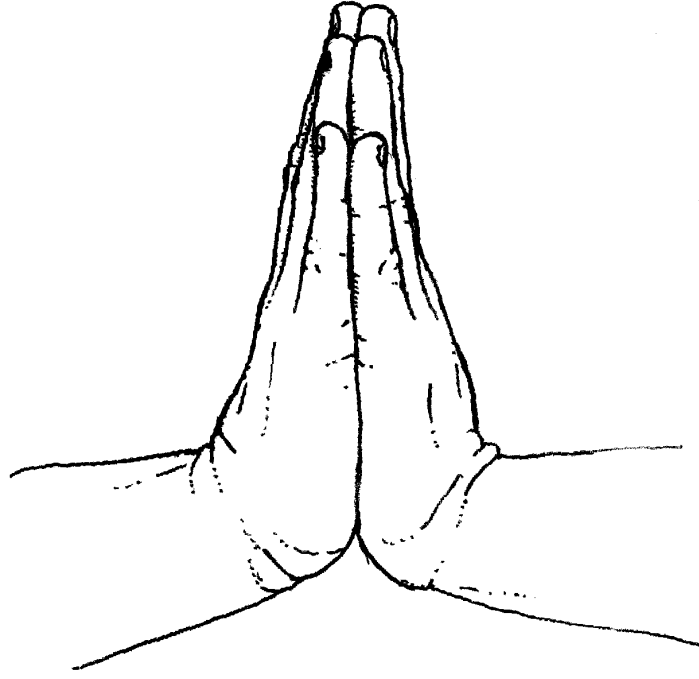
Arshavidyā Pītham, de Swāmi Dayānanda (em inglês)

Vedānta Vidyārthi Saṅgha, de Swāmi Paramarthānanada (em inglês)

Vidyā Mandir, de Gloria Arieira (em português)

Yoga.pro.br, de Pedro Kupfer (em português)





॥ धन्यवाद् ॥

Dhanyavād!

Muito obrigado por nos
acompanhar até aqui.

Tudo de bom!

॥ हरिः ॐ ॥

